

Pe. Alberto Gambarini

Eles encontraram
a felicidade. ?
E você?

Testemunhos de conversão



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

© **Ágape**

Caixa Postal 32

06850-970 – Itapeceira da Serra, SP

T 11 4667 4353

Home page: www.encontrocomcristo.org.br

Composição e Impressão

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822 nº 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 11 3385 8500

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

Sumário

Apresentação.....	7
Introdução.....	9
<i>capítulo um</i>	
São Paulo	17
<i>capítulo dois</i>	
Santo Agostinho	25
<i>capítulo três</i>	
Matt Talbot (1856-1925): o operário alcoólatra que virou santo.....	35
<i>capítulo quatro</i>	
Thomas Merton: de jovem rebelde a monge	41
<i>capítulo cinco</i>	
Eve Lavallière: a atriz de muitos amantes encontra o verdadeiro amor.....	55
<i>capítulo seis</i>	
Paul Claudel: a conversão na noite de Natal e a luta com Deus	65
<i>capítulo sete</i>	
André Frossard: de ateu a cristão em poucos minutos.....	71
<i>capítulo oito</i>	
Princesa Alessandra Borghese: vendo a vida com olhos novos.....	77

<i>capítulo nove</i>	
Muçulmano conta: “Por que me converti ao catolicismo?”	85
<i>capítulo dez</i>	
Ingrid Betancourt: o milagre do Sagrado Coração	91
<i>capítulo onze</i>	
Joseph-Marie Verlinde: o encontro com Cristo de um seguidor da Nova Era	97
<i>capítulo doze</i>	
Hollywood: o lugar mais improvável para encontrar Deus	103
<i>capítulo treze</i>	
O ex-pastor Fernando Casanova: “Por que me tornei católico?”	115
<i>capítulo catorze</i>	
Jacques Fesch: um assassino no altar	123
<i>capítulo quinze</i>	
Pier Giorgio Frassati: o jovem e a alegria de ser cristão	131
Bibliografia	143



Apresentação

Dou graças pela oportunidade que tive de ler este livro de um fôlego. Foram momentos de reflexão e contemplação a partir dos testemunhos nele contidos. Senti-me interpelado a buscar, com dedicação mais profunda, a correspondência aos apelos do Senhor.

São relatos da conversão de tantas pessoas, desde os primórdios do cristianismo até os nossos dias. Começa com a conversão daquele que se tornou o apóstolo dos gentios e percorre o tempo até chegar ao século XX.

Por um lado, os testemunhos deixam evidente o amor apaixonado de Deus pelos seres humanos. O Senhor não desiste diante das resistências e infidelidades. Ele vai atrás de suas criaturas; utiliza todos os meios possíveis para tocar-lhes o coração; tem paciência; sabe esperar o momento oportuno e, enfim, acolhe-as quando se rendem ao seu amor. Bendito seja o amor misericordioso de Deus!

Os relatos mostram, por outro lado, que a conversão não pode ocorrer sem a resposta livre do

ser humano. Deus propõe, mas não impõe. Provoca e espera a contrapartida humana. Por mais simples e imperfeita que seja a resposta, ela é a condição ou o sinal verde para uma peregrinação da pessoa renovada conduzida pelas mãos do Senhor. Quando esse primeiro passo é dado, a história do convertido se transforma numa caminhada luminosa, apesar dos obstáculos e das dores que ainda serão encontrados.

Os testemunhos aqui narrados mostram a realização das palavras do apóstolo Paulo: “Todo o mundo sabe que sois uma carta de Cristo, redigida por nosso intermédio, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, os corações” (2Cor 3,3).

As vidas recolhidas neste livro são um apelo forte a um encontro com o Deus vivo. Ele é hoje o mesmo de sempre, um Deus que não quer a morte do pecador, mas, antes, que se converta e viva (cf. Ez 33,11), um Deus que conduz seus filhos para campinas verdejantes e fontes cristalinas no presente e em toda a eternidade.

Faço votos de que, ao contato com os testemunhos aqui narrados, os leitores sejam tocados pelo Espírito Santo e se tornem eles também protagonistas de uma história nova.

Dom Luiz Antônio Guedes
BISPO DA DIOCESE DE CAMPO LIMPO
02/09/2009

Introdução

“Não nos convertemos uma única vez em nossa vida, mas sim muitas vezes, e esta interminável série de grandes e pequenas conversões, de revoluções interiores, desemboca finalmente em nossa transformação em Cristo.”

THOMAS MERTON

O que é a conversão?

A leitura de testemunhos de conversão tem como finalidade recordar a quem já é católico o valor da riqueza de nossa fé. Algumas vezes, existe o perigo de cair na rotina ou nunca ter despertado para o significado profundo de pertencer ao povo mais feliz da face da terra.

Ao mesmo tempo, esses testemunhos são como um farol para iluminar aqueles que ainda não encontraram a luz capaz de iluminar todas as trevas e as dúvidas do coração. A grande importância de conhecer a vida de verdadeiros convertidos é tornar evidente a certeza de que Deus não é uma simples palavra, mas é real, está vivo e tem o poder para transformar a vida de quem se abre ao seu infinito amor.

O testemunho de um convertido é um antídoto contra a mediocridade, contra a rotina religiosa, contra a inércia do mundo dito cristão. Quem se converte percebe a novidade, dá-se conta da maravilha

da fé. Tem uma relação pessoal com Jesus Cristo: enxerga-o em tudo junto a si, com olhos novos e com o brilho de quem encontrou a luz verdadeira. Tem capacidade de admirar-se do amor de Deus.

Em muitos casos, os grandes relatos de convertidos constituem uma ajuda inestimável para os que estão no mesmo caminho de conversão e passam por provas semelhantes e, desse modo, sentem-se animados e acompanhados.

O que significa a conversão?

O importante é entender o significado profundo da conversão. Nosso Senhor Jesus Cristo inicia Seu ministério anunciando: **“Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; fazei penitência e crede no Evangelho”** (Mc 1,15). A conversão apresentada por Jesus a seus seguidores não é simplesmente uma modificação superficial de hábitos e costumes humanos ou religiosos. Não se trata de uma mudança exterior, com alguns remendos interiores. Exige uma transformação de dentro para fora em todas as dimensões que compõem o ser humano: “espírito, alma e corpo” (cf. 1Ts 5,23).

A conversão é sempre um encontro pessoal com Cristo, que compromete toda a pessoa e a sua vida futura. Isso supõe deixar muitos valores, muitas coisas preciosas por outras que se descobrem como melhores. Nesta visão, a conversão é, antes de tudo, a conversão do coração ou do interior humano. O principal obstáculo à conversão é a dureza do nosso coração, **“porque é do interior do coração dos homens que procedem os maus pensamentos:**

devassidões, roubos, assassinatos, adultérios, cobiças, perversidades, fraudes, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez. Todos estes vícios procedem de dentro e tornam impuro o homem” (Mc 7,21-23).

O “coração novo”, só Deus pode dá-lo, com a ação santificadora do Espírito Santo, que age em nós para sermos capazes de dar o passo para a frente. Não há conversão sem mudança do coração, e esta só pode ser obra da graça de Deus em nós, conforme a revelação de Ezequiel 36,26: **“Dar-vos-ei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirar-vos-ei do peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne”.**

Cada conversão é um caso particular. Não há duas conversões iguais. Em alguns casos, a intervenção de Deus é excepcional, milagrosa e instantânea, como a de São Paulo no caminho de Damasco, ou a de Elias no caminho para o Monte Horeb. Às vezes, supõe um processo interior longo e doloroso em que é necessário reavaliar todos os valores e os esquemas de vida com que se conviveu tranquilamente durante anos. Existem muitos casos de pessoas que chegam a convencer-se da verdade da fé católica, mas não são capazes de renunciar a suas comodidades e seguranças.

Converter-se, em resumo, significa deixar tudo e começar uma vida nova, o que dá um pouco de medo, sobretudo quando a gente já chegou à maturidade e é mais difícil mudar de vida. Por isso, a fé e a confiança em Deus são necessárias para dar o salto na direção de seus braços amorosos, sem se importar com o que dirão os outros, estando pronto

a obedecer à vontade divina. Levar uma vida dupla e dissimular as próprias ideias religiosas significa enganar o coração e uma infidelidade a Deus.

A conversão à fé parte, obviamente, de uma situação de incredulidade. Os protagonistas são pessoas que nunca mantiveram nenhum contato com o catolicismo, ou se afastaram da fé, ou pertencem a grupos que têm outras crenças. Isto não se produz de qualquer modo. É necessário levar em conta que o ser humano é profundamente social. Embora hoje esteja em moda pensar que cada um pode fazer uma fé à sua medida, o fato é que cada pessoa é muito dependente de suas tradições e das posições que existem em seu ambiente. Normalmente, só com grande honestidade e esforço pessoal e conduzido por alguma manifestação da graça de Deus, consegue-se o grau de independência necessário para uma autêntica conversão.

No dia 25 de janeiro de 2009, o Santo Padre Bento XVI disse: “Graças à conversão de São Paulo podemos compreender o verdadeiro significado da conversão evangélica. Isso Paulo alcançou no encontro com Cristo ressuscitado; foi este encontro que mudou radicalmente a sua existência. No caminho para Damasco, aconteceu a ele o que Jesus pede no Evangelho: Saulo foi convertido, porque, graças à luz divina, ‘acreditou na Boa-Nova’. Nisso consiste a sua e a nossa conversão: acreditar em Jesus morto e ressuscitado e abrir-se à iluminação de sua graça divina. Naquele momento, Saulo compreendeu que sua salvação não dependia das boas obras feitas em conformidade com a lei, mas do fato de que Jesus morreu também por ele — o perseguidor — e foi e é ressuscitado”.

Deus usa dos meios mais diferentes para se aproximar do homem e atraí-lo para viver a sua Palavra. Existe uma diversidade de caminhos para encontrar a Deus, e cada conversão tem sua dimensão pessoal, particular e original. Todas têm em comum uma mudança radical da mente e do coração. É preciso deixar para trás o mal e entrar no reino da justiça, do amor e da verdade, que se está a inaugurar.

São Leão Magno escreveu: “Para qualquer homem, uma conversão de um estado a outro, de qualquer natureza que seja, significa pôr fim a algo; deixar de ser o que era, para começar a ser nova pessoa. Mas é importante saber para quem se morre e para quem se vive, já que há uma morte que dá a vida e uma vida que faz morrer. E tanto uma como a outra se encontram neste mundo passageiro, e não em outra parte. Serão nossas ações neste tempo que determinarão a diferença das retribuições na eternidade. Morramos então para o diabo para viver para Deus. Morramos para o pecado para ressuscitar para a justiça. Que desapareça o antigo e dê lugar ao novo. E, já que segundo a palavra da Verdade ninguém pode servir a dois senhores, tomemos como Senhor Aquele que levanta os caídos para a glória e não leva para a ruína os que se mantêm em pé”.

Por fim, é importante observar na vida dos grandes convertidos, conhecidos ou não, o modo como mantiveram a sua decisão de permanecer em Jesus Cristo, sem nunca abandoná-lo. Um primeiro ponto fundamental é uma sadia vida eucarística. A Eucaristia dá ao convertido a oportunidade de alimentar e fazer crescer em seu interior a vida divina. **“Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha**

carne viverá por mim” (Jo 6,57). É interessante como muitos dos convertidos, ao descobrirem essa presença real de Jesus na Eucaristia, passam não só a cumprir o preceito da missa dominical, mas também a sentir o desejo de aprofundar essa comunhão por meio da participação diária na celebração eucarística. A consequência da vida cristã centrada na eucaristia é descobrir o valor da visita ao Santíssimo Sacramento. No sacrário ou na exposição do Santíssimo Sacramento está Jesus vivo, oferecendo permanentemente seu amor a todos, sem distinção.

Outra característica da vida espiritual do convertido é a necessidade de se encontrar com Aquele que transformou a sua vida, por meio da oração. Santa Teresa de Ávila consegue, de modo simples e profundo ao mesmo tempo, indicar que a oração é “tratar de amizade com Deus, estando muitas vezes tratando a sós com quem sabemos que nos ama”. Nestas palavras ressoa o ensino de Jesus sobre a oração no Sermão da Montanha: **“Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á”** (Mt 6,6). A oração autêntica tem como fonte a própria Sagrada Escritura, pois esta não é um mero livro sagrado, mas uma pessoa: Jesus Cristo. **“Porque a palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até a divisão da alma e do corpo, das juntas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração”** (Hb 4,12).

O verdadeiro convertido não se cala diante do mundo, mas deseja tornar Jesus Cristo conhecido e amado. Quem se cala são as pessoas somente

religiosas, que não viveram uma experiência de encontro com o Seu Salvador e também ainda não o têm como Senhor de suas vidas. Quem abriu o coração para Jesus Cristo é impulsionado pelo Espírito Santo a ajudar muitos a também entrar no caminho da Salvação, da Esperança e da verdadeira Alegria.

Por fim, a conversão tem também uma dimensão social. O Papa João Paulo II ensina: “A conversão, porém, não seria autêntica, se não levasse também à reconciliação com os irmãos, que são filhos do mesmo Pai. Esta é a dimensão social da reencontrada amizade com Deus: ela inclui os membros da própria família, estende-se ao ambiente de trabalho e permeia a inteira comunidade civil. Enquanto nos acolhe com o Seu perdão, o Senhor confia-nos a missão de sermos fermento de paz e de unidade em todo o ambiente que nos circunda”¹. O cardeal Saraiva Martins complementa: “Quando conhecemos do amor redentor de Deus para conosco, ou seja, a fé, leva-nos a amar-nos uns aos outros. A fé é, portanto, a base do nosso comportamento individual e social, isto é, da nossa moral. É por isso que a vida cristã tem uma dupla dimensão: vertical e horizontal. A primeira leva-nos a tomar consciência do fato de que Deus é Amor, que nos amou de verdade, a ponto de enviar-nos o seu Filho e querer estabelecer em nós a sua morada. A segunda leva-nos a amar todos os nossos irmãos, próximos e distantes, com o mesmo amor com que somos amados por Deus. Mais ainda: só amando os irmãos, podemos ser amados

1. Discurso do Santo Padre na conclusão do Segundo Encontro do Comitê Central para o Grande Jubileu do ano 2000, em 12 de fevereiro de 1998.

por esse Deus que, fazendo-Se homem, consagrou o humano e que, através deste e neste, nos atinge e nos salva. Mas esta nossa abertura aos outros e ao mundo, este zelo apostólico de abarcar tudo e todos, não deve correr o risco de empobrecer a nossa vida de comunhão com Deus”².

2. Homilia do cardeal José Saraiva Martins durante o Rito de Beatificação da Serva de Deus, Rita Amada de Jesus, domingo, 28 de maio de 2006. Viseu, Portugal.

1

São Paulo

Quando se fala de homens que lançaram os fundamentos do cristianismo, um dos primeiros a ser lembrado é, sem dúvida alguma, o carismático São Paulo. A história de sua vida é o testemunho vivo da ação da graça de Deus transformando um homem. Não se trata de uma simples mudança de religião ou de filosofia de vida, mas da maravilhosa experiência de nascer de novo “da água e do Espírito” (Jo 3,5). Humanamente falando, esta conversão seria quase impossível de acontecer. Por quê? Paulo não era um curioso nas questões religiosas. Não era o tipo de pessoa capaz de se deixar seduzir por “novidades religiosas”. Em princípio, o cristianismo não o atraía. Pelo contrário, ele o considerava um desvio da verdade de Deus, pois era um perseguidor dos cristãos: **“Entrando pelas casas, arrancava delas homens e mulheres e os entregava à prisão”** (At 8,3). E será justamente esse homem de temperamento forte, fiel às tradições da religião de seus pais, que será tocado de modo sobrenatural por Jesus e escolhido para ser apóstolo do Evangelho.

Quem foi São Paulo?

São Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, atual Turquia. Era filho de judeus. Seu pai tinha o título de “Cidadão Romano”, que passou para os filhos¹. Pertencia à tribo de Benjamim e, por isso, recebeu o nome de Saul (ou Saulo), que era comum nesta tribo, em memória ao primeiro rei dos judeus². Por ser cidadão romano, tinha também um nome latino: Paulo. Na primeira fase de sua vida, recebeu a educação em uma escola grega. Depois, foi enviado a Jerusalém para receber uma boa educação judaica na escola do Gamaliel³. Torna-se um fiel praticante da lei de Moisés, a ponto de seguir a doutrina severa dos fariseus.

Ele era fiel às Tradições Judaicas e considerava os discípulos de Jesus traidores dessa religião. Perseguidor das primeiras comunidades cristãs, foi conivente com o assassinato por apedrejamento do primeiro mártir cristão: o diácono Santo Estêvão. São Lucas recorda este momento em Atos 8,1: **“E Saulo havia aprovado a morte de Estêvão”**. Talvez essa morte tenha lançado a semente da sua futura conversão. Por quê? Estêvão morre demonstrando alegria por estar dando a vida por Jesus. As palavras, os gestos e os olhos brilhantes de Estêvão revelavam a certeza de que não estava morrendo, mas entrando na posse da verdadeira vida com Deus: **“Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e o Filho do homem, de pé, à direita de Deus”** (At 7,56).

1. Atos 22,26-28.

2. Filipenses 3,5.

3. Atos 22,3.

A conversão

Quando estava se dirigindo a Damasco, capital da Síria, para realizar mais uma perseguição aos cristãos, Saulo, segundo as suas próprias palavras, foi “conquistado por Jesus Cristo” (Fl 3,12). No livro de Atos dos Apóstolos temos uma abundância de detalhes do modo como a luz do Ressuscitado o alcançou, mudando radicalmente a sua vida para sempre: **“Durante a viagem, estando já perto de Damasco, subitamente o cercou uma luz resplandecente vinda do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Saulo disse: Quem és, Senhor? Respondeu ele: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro te é recalcitrar contra o agulhão. Então, trêmulo e atônito, disse ele: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer. Os homens que o acompanhavam enchiam-se de espanto, pois ouviam perfeitamente a voz, mas não viam ninguém”** (At 9,3-7).

Poucas vezes um diálogo tão breve transformou tanto a vida de uma pessoa. Quando Saulo se levantou, estava cego, mas em sua alma já brilhava a luz de Cristo. O próprio São Paulo ajuda-nos a entender o essencial desse seu encontro com Cristo ressuscitado na estrada de Damasco. Dois fatos aconteceram: uma visão (cf. 1Cor 9,1) e uma iluminação (cf. 2Cor 4,6). A verdade dessa experiência foi testemunhada: **“Os homens que o acompanhavam enchiam-se de espanto, pois ouviam perfeitamente a voz, mas não viam ninguém”** (At 9,7).

Depois de sua chegada a Damasco, a graça de Deus continua a obra de transformação desse homem duro de coração. O instrumento foi um discípulo chamado Ananias, a quem em visão será dito: **“Levanta-te e vai à rua Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso, chamado Saulo; ele está orando”** (At 9,11). Lá chegando, **“Entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Saulo, meu irmão, o Senhor, esse Jesus que te apareceu no caminho, enviou-me para que recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo. No mesmo instante caíram dos olhos de Saulo umas como escamas, e recuperou a vista. Levantou-se e foi batizado”** (At 9,17-18).

São Paulo torna-se um homem verdadeiramente novo e totalmente movido pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho com poder. Ao mesmo tempo, a decisão de seguir a Jesus Cristo também teve um preço: em suas cartas conta como foi apedrejado, açoitado, naufragou três vezes, aguentou fome e sede, noites sem descanso, perigos e dificuldades. Foi preso e, além dessas provas físicas, sofreu muitos desacordos e quase constantes conflitos, os quais suportou com grande entusiasmo por Cristo.

A partir do encontro com Cristo, tudo o que antes constituía para ele um valor perdeu o seu sentido, a ponto de afirmar: **“Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo”** (Fl 3,8). Por isso, todas as suas energias

foram postas a serviço exclusivo de Jesus Cristo e do seu Evangelho.

A conversão de São Paulo nos ensina que não é possível existir meio-termo diante do chamado de Cristo. Uma lição muito importante é a de entender que é necessário colocar Jesus Cristo no centro da própria vida, de modo que fique visível a nossa transformação, pela comunhão com Cristo e com a sua Palavra.

Este é o verdadeiro significado da conversão de Paulo: aproxima-se de Cristo porque toma consciência do amor que Cristo tem por ele. De “apaixonado perseguidor” converteu-se em “apaixonado mensageiro” da fé. Cristo passa a ser realmente o fundamento de sua existência, a única razão pela qual merece a pena viver (Rm 8,35-39).

Ao conhecer Cristo, em troca, começa a viver a existência de um iluminado por quem passa a ser a luz do mundo. E encontrou assim não só o caminho de sua salvação pessoal, mas também o caminho para levar a seus irmãos a mensagem que tinha recebido. A mudança foi tão grande que **“Todos os seus ouvintes pasmavam e diziam: Este não é aquele que perseguia em Jerusalém os que invocam o nome de Jesus? Não veio cá só para levá-los presos aos sumos sacerdotes?”** E perguntavam-se **“não era este o que antigamente perseguia os cristãos?”** (At 9,21).

Para São Paulo, quem realmente foi alcançado por Cristo tem um preço a pagar: não ficar mais calado, mas anunciar a misericórdia de Deus a todos os homens e em todas as ocasiões. Ele diz: **“Anunciar o Evangelho não é glória para mim; é uma**

obrigação que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16).

Por fim, é importante ter sempre presente: a experiência de Paulo não só nos mostra como a graça de Deus transformou seu coração, mas também nos enche de esperança diante da possibilidade — mediante a livre disposição do homem — de que os perseguidores podem encontrar-se com o Senhor, abrir-se à força do dom do alto e mudar radicalmente suas vidas.

O pensamento de São Paulo

1. O lugar central do amor na vida cristã

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, se não tiver caridade, de nada valeria! A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará” (1Cor 13,1-8).

2. A certeza de possuir todas as bênçãos dá coragem para testemunhar Jesus

“Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo, e nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos. No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por ele no Bem-amado” (Ef 1,3-6).

3. A unidade da Igreja brota da Eucaristia

“O cálice de bênção, que benzemos, não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão, que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão” (1Cor 10,16-17).

2

Santo Agostinho

Nasceu em 13 de novembro de 354 em Tagaste, pequena cidade da Numídia na África romana. Seu pai, Patrício, era africano e funcionário do império romano, encarregado de arrecadar os impostos. Era ainda pagão quando nasceu Agostinho. Sua mãe, Santa Mônica, de família católica, tinha vinte e dois anos quando Agostinho nasceu. É apresentada pela Igreja como exemplo de mulher cristã, de piedade e bondade provadas, mãe abnegada e preocupada sempre com o bem-estar de sua família, ainda sob as circunstâncias mais adversas. Mônica ensinou a seu filho os princípios básicos da religião e, ao ver como o jovem Agostinho se separava do caminho do cristianismo, entregou-se à oração constante em meio a um grande sofrimento. Anos mais tarde, Agostinho chamará a si mesmo de o “filho das lágrimas de sua mãe”. O exemplo de Santa Mônica demonstra o poder da intercessão em favor da conversão dos pecadores.

Santo Agostinho era dotado de uma grande imaginação e de uma extraordinária inteligência. Destacou-se no estudo das letras e filosofia. Durante

os anos de estudante, também demonstrou interesse pelo teatro. Gostava da fama e de receber elogios. Paralelamente à vida de estudos, que nunca abandonou, tinha uma vida guiada pelas paixões humanas e mundanas. Era mulherengo e dava vazão abertamente ao seu espírito sensual. Mais tarde, o próprio Agostinho faz uma crítica muito dura e amarga desta etapa de sua juventude em seu livro *As Confissões*, com os seguintes termos: “Aos dezesseis anos, entreguei-me totalmente à carne, ao furor da satisfação sexual, permitida e até aplaudida pela desvergonha humana, mas contrária ao amor de Deus”¹.

Aos dezenove anos, despertaram-se a mente e o espírito de especulação, e assim Agostinho se dedica totalmente ao estudo da filosofia. Nessa época, conhece uma mulher com a qual manterá uma relação estável de catorze anos e com quem terá um filho: Adeodato. Quando Santa Mônica passa a morar com Agostinho, depois da morte do marido, insiste para que ele abandone a amante e se case com uma mulher “virtuosa”. Depois de alguma resistência interior, deixa a mulher e pede em casamento a outra. Porém, seu coração não estava tranquilo:

“Entretanto, os meus pecados multiplicavam-se. Arrancaram do meu lado — como um impedimento para o meu futuro matrimônio — aquela com quem compartilhara durante quinze anos o meu leito. Meu coração, tão apegado a ela, ficou chagado com a separação e dele vertia sangue. Ela voltou para a África e prometeu ao Senhor que jamais conviveria com outro homem; deixou comigo Adeodato, o filho

1. Santo Agostinho, *As Confissões*, São Paulo, Quadrante, 1985, p. 26.

que eu tivera com ela. Eu, desgraçado de mim, não fui capaz de imitá-la. Não pude suportar os dois anos que ainda deviam passar até que pudesse unir-me à esposa que me fora prometida — porque não era o casamento que eu desejava, mas a sensualidade. Arranjei, pois, outra mulher — não como esposa —, como se quisesse manter viva e até agravada essa doença da minha alma, sustentada por esse mau hábito que perduraria até que me casasse. Por isso não cicatrizava a ferida que se abria ao arrancarem-me a minha primeira mulher; pelo contrário, após a inflamação e a dor fortíssima, começava como que a supurar, e a dor era mais pungente à medida que a ferida se ia esfriando”².

Em sua busca incansável por resposta ao problema da verdade, Agostinho passa de uma escola filosófica a outra sem que encontre em nenhuma uma resposta para suas inquietações.

Conversão ao cristianismo

A estrada da conversão de Santo Agostinho foi feita com muitas idas e voltas. Um exemplo aconteceu quando ainda jovem teve uma grave doença e, diante do temor da morte, fez-se instruir na religião católica com o propósito de receber o batismo. Porém, tendo recuperada a saúde, desapareceram os seus bons desejos, e continuou sendo pagão.

Em outra fase da vida, começou a ler a Sagrada Escritura. Logo desistiu, alegando ser simples demais e não ter o estilo literário dos grandes escritores do

2. Ibidem, p. 98.

mundo. Mais tarde, já como cristão, explicou o porquê da sua crítica: “Porque a lia (a Sagrada Escritura) com orgulho e para parecer sábio, por isso não me agradava. Porque eu não buscava nestas páginas a santidade, mas a vaidade, por isso me desagradava a sua leitura. Oh Sabedoria, sempre antiga e sempre nova. Quão tarde eu te conheci”.

Foi em Milão que aconteceu a última etapa antes de sua conversão: começou a assistir como catecúmeno às celebrações litúrgicas do bispo Santo Ambrósio, ficando admirado com suas pregações vibrantes e seu coração cheio do amor de Deus. A amizade com Santo Ambrósio o ajudou a interpretar o Antigo Testamento e a encontrar na Sagrada Escritura a fonte da fé. O seu coração ainda lutava entre a atração do velho homem e o desejo de viver em profundidade a vida cristã. Esse drama é descrito por Santo Agostinho do seguinte modo: “Já não tinha qualquer desculpa de que lançar mão quando Deus me dizia: *Levanta-te, tu que dormes, sai dentre os mortos e Cristo te iluminará*. Via de mil maneiras que era verdade o que Deus me dizia; já nada podia objetar, vencido pela verdade; só podia balbuciar palavras sonolentas: — Vou já... Dentro em pouco... Espera um pouco mais. Mas este já nunca acabava de chegar, e este um pouco mais ia-se prolongando”³.

O instrumento da conversão veio depois da visita de um homem profundamente cristão chamado Ponticiano. Agostinho estava em um quarto com seu amigo Alípio. Ponticiano, tendo visto em cima da mesa as cartas de São Paulo, aproveitou a ocasião para falar sobre a maravilhosa conversão de Santo

3. Ibidem, p. 137.

Antão e como dois oficiais do exército romano, lendo a história da vida deste santo, imediatamente se converteram. Agostinho foi como que fulminado por um trovão do céu, diante do que acabava de ouvir. Olha para o amigo exclamando: “Que é que nos acontece? Ouviste o que disse Ponticiano? Aqueles ignorantes conseguem o céu, e nós, com a nossa cultura, mas sem coração, olha como chafurdamos na carne! Teremos então vergonha de segui-los, quando seria vergonha maior não segui-los?”⁴.

Dizendo isso foi até o jardim, onde caiu de joelhos chorando e dizendo em soluços: “*Senhor, até quando? Até quando, Senhor, estarás irado? Não queiras mais lembrar-Te das minhas maldades passadas!* Até quando, até quando continuarei a clamar: *amanhã, amanhã!* Por que não hoje? Por que não agora mesmo, e ponho fim a todas as minhas misérias?”⁵.

As suas palavras não ficaram sem resposta. De repente, ouviu uma voz de um menino dizendo: “Toma e lê”⁶. Agostinho descreve deste modo a sua reação a essa ordem: “Mudou-se-me de repente o rosto, e tentei recordar se havia algum jogo em que as crianças costumassem cantarolar algo de parecido, mas não me lembrava de ter ouvido nunca nada de semelhante. Contendo as lágrimas, levantei-me, interpretando essa voz como uma ordem divina para que abrisse o livro e lesse o que se me apresentasse”⁷.

4. Ibidem, p. 147.

5. Ibidem, p. 148.

6. Ibidem, p. 149.

7. Ibidem, p. 149.

Alípio tinha nas mãos as cartas de São Paulo. Agostinho as abre ao acaso e começa a ler Romanos 13,13-14: **“Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia: nada de orgias, nada de bebedeira; nada de desonestidades nem dissoluções; nada de contendas, nada de ciúmes. Ao contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não façais caso da carne nem lhe satisfaçais aos apetites”**. Essas palavras, “como se uma grande luz de segurança se tivesse derramado em seu coração, fizeram com que desaparecessem para sempre todas as trevas de suas dúvidas”. Alípio leu então o seguinte versículo de São Paulo: **“Acolhei aquele que é fraco na fé, com bondade, sem discutir as suas opiniões”**⁸. Aplicando o texto a si mesmo, Santo Agostinho sentiu ter chegado a hora de Deus para sua vida. Ele não podia mais fugir, sob o risco de perder a oportunidade de ser realmente feliz. Finalmente, não era mais escravo das paixões, da ambição, do desejo de admiração. Havia encontrado a resposta não em uma ideia, coisa ou um simples ser humano, mas em Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Agostinho e Alípio se dirigiram às pressas a Santa Mônica, para falar desse encontro maravilhoso com Deus. Ela não se continha de alegria, por esse dia, regado por anos de oração confiante, e bendisse a Deus “que é poderoso para nos dar mais do que pedimos ou entendemos”⁹. Tinha compreendido que aquela palavra naquele momento se dirigia

8. Romanos 14,1.

9. Santo Agostinho, *As Confissões*, São Paulo, Quadrante, 1985, p. 150.

pessoalmente a ele. Esse foi o dia de seu novo nascimento. Agostinho recebe a graça necessária para se libertar das amarras do passado e começar uma vida nova. Aquilo que antes parecia impossível e, por isso, sempre era adiado, agora, não mais somente com o esforço da própria vontade, torna-se realidade. Tinha nessa época trinta e dois anos. Agostinho e Alípio decidem converter-se ao cristianismo. Na Vigília Pascal de 387, foram batizados por Santo Ambrósio.

O desejo de Agostinho era agora viver, de um modo mais íntimo, a amizade com o seu Salvador. Para isso, funda uma fraternidade para aprofundar a vida de oração, a leitura e o estudo da Bíblia, tendo como inspiração a comunidade cristã primitiva de Jerusalém.

Estando na África com a sua comunidade, é ordenado sacerdote em Hipona para ajudar o bispo local já muito idoso. Contra a sua vontade, quatro anos mais tarde, foi eleito bispo. Exerceu o seu ministério durante trinta e cinco anos, vindo a morrer em 430.

TARDE TE AMEI¹⁰

“Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te buscava fora de mim. Como um animal, lançava-me sobre as coisas belas que Tu criaste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Mantinham-me atado, longe de ti, essas coisas que, se não fossem sustentadas por ti, deixariam de ser. Chamaste-me, gritavas-me,

10. Santo Agostinho, *As Confissões*, São Paulo, Quadrante, 1985, p. 191.

rompeste a minha surdez. Brillhaste e resplandeceste diante de mim, e expulsaste dos meus olhos a cegueira. Exalaste o teu espírito e aspirei o teu perfume, e desejei-te. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me, e abrasei-me na tua paz.”

O pensamento de Santo Agostinho

Eucaristia

“Este pão que vós vedes sobre o altar, santificado pela palavra de Deus, é o corpo de Cristo. Este cálice, ou antes o seu conteúdo, santificado pela palavra de Deus, é o sangue de Cristo. Cristo Senhor quis dar através destes elementos o seu corpo e o seu sangue que derramou por nós.”¹¹

“Queres então também tu viver do Espírito de Cristo? Nutre-te do Seu corpo. É por isso que o apóstolo Paulo, falando deste pão, diz: ‘um pão, muitos somos um só corpo... O sacramento de piedade, ó sinal de unidade, ó vínculo de caridade.’”¹²

Igreja

“Vacilará a Igreja se vacila o seu fundamento, mas poderá talvez Cristo vacilar? Visto que Cristo não vacila, a Igreja permanecerá intacta até o fim dos tempos.”¹³

11. Agostinho, Sermo 227, *PL* 38, 1909.

12. Agostinho, In Ian. trad., 26, 6, 13, *PL* 35, 1631.

13. Agostinho, Enarrationes in Psalmos, 103, 2, 5, *PL* 37, 1353.

Oração

“Tu te defendes de um homem evitando encontrá-lo; do demônio, orando. Evita-se um inimigo visível, procurando não estar onde ele está. Mas como evitar a quem não vês? Rezando. Tuas armas são a oração. Tu calas e ele arma ciladas. Reza e ele ficará sem forças.”¹⁴

14. Agostinho, De actione dominica ad competentes, *PL* 9,9.

3

Matt Talbot (1856-1925): o operário alcoólatra que virou santo

Matt Talbot nasceu na pobreza e começou a trabalhar como operário em Dublin, Irlanda, ainda menino. Não teve acesso a nenhum tipo de instrução. O ambiente familiar era dominado pelo vício de beber do pai e de alguns de seus irmãos. A mãe era uma fervorosa católica, que sofria em ver o estado de sua família.

Aos doze anos, começa a trabalhar em um local onde eram engarrafadas cervejas. Aí começa o vício do álcool. Aos dezesseis anos era um alcoólatra crônico, que tinha como único prazer beber. Ao mesmo tempo, começou a se afastar de toda a prática religiosa. A mãe e uma das irmãs jamais o abandonaram, pois acreditavam que um dia Deus operaria um milagre em sua vida.

O pai, na tentativa de afastá-lo do vício da cerveja, levou-o para trabalhar com ele nas docas do porto, onde, entre outras coisas, ocupava-se com a importação de diferentes bebidas alcoólicas. Foi o mesmo que cair na panela do diabo, pois da cerveja passou para as bebidas fortes.

Quantas vezes entrava em casa sem os sapatos, porque os havia trocado por uma garrafa de bebida! Quando despertava de sua bebedeira, sentia uma profunda vergonha ante Deus. Mas, quando chegava o dia do pagamento, ao ver-se com dinheiro, não tinha a força de vontade e sucumbia em tentação. Vendia tudo o que tinha para sustentar o seu vício.

Repentinamente, quando havia completado vinte e oito anos e já se notavam os sinais inconfundíveis da sua dependência ao álcool, tomou a decisão de abandonar o vício. Nesse dia, jogou pela janela um copo com bebida e jurou nunca mais beber. Ninguém jamais soube os motivos desta sua inesperada transformação. Certamente não foi um mero cansaço ou repugnância, nem o medo da dependência física, mas uma ação profunda da graça de Deus.

O dia de sua libertação da escravidão do vício do álcool ficou guardado para sempre em sua memória. Vestiu sua melhor roupa e dirigiu-se ao Colégio de Santa Cruz, onde pediu para falar com um padre. Fez uma confissão. O sacerdote o aconselha a fazer o seu voto por três meses. No dia seguinte participa da missa, comunga e sai renovado pela presença de Jesus. Matt reconhece na comunhão diária o meio de receber a força espiritual para manter a decisão de não mais beber.

O momento mais difícil de ele manter a sobriedade é a tarde, depois do trabalho. Para evitar a tentação, realiza passeios pela cidade. Não obstante, um dia entra em um bar cheio de clientes. O garçom parece ignorar Matt; sentindo-se ofendido por essa desatenção, sai a toda pressa da sala, decidido a nunca mais pôr os pés em um bar.

Matt se dá conta de outra dificuldade: o álcool debilitou sua saúde e, por isso, ele se cansa nos passeios. Para evitar a tentação dos bares, passa então a entrar em uma igreja e, de joelhos diante do sacrário, fica a rezar, suplicando a Deus que o fortaleça. Desse modo, adquire o costume de frequentar mais a casa de Deus, para visitar Jesus Sacramentado.

Os três meses parecem intermináveis, pois as consequências da falta de álcool (alucinações, depressão e náuseas) tornam esse tempo um verdadeiro calvário. Em alguns momentos, a antiga dependência torna-se violenta, como se fosse impossível resistir ao desejo de beber novamente. Usa como remédio lutar desesperadamente, prolongando suas orações. Um dia, voltando para casa desanimado, diz com tristeza à sua mãe: “É inútil, mamãe, quando se cumprirem os três meses voltarei a beber...”. Como era uma mulher profundamente religiosa, ela o conforta e o anima a continuar rezando. Ele segue o conselho ao pé da letra, toma gosto pela oração e encontra nesta sua salvação.

Efetivamente, a oração ajuda a que saíamos de situações humanamente desesperadas. Para Deus tudo é possível (Mt 19, 26). Santo Afonso Maria de Ligório, doutor da Igreja, afirma: “A graça de orar se concede a todo mundo, de sorte que se alguém se perde carece de desculpa... Orem, orem, orem, e não abandonem nunca a oração, pois quem ora se salva certamente, quem não ora se condena certamente” (cf. CCE, 2744).

Cumpridos os três meses, surpreso de ter “aguentado o gole”, Matt renova seu voto por seis meses mais, ao término dos quais se comprometerá para

sempre a não beber mais álcool. A oração da mãe e da irmã alcançou a graça implorada. A mudança foi total na vida de Matt: não se libertou somente do vício terrível do álcool, mas foi renovado em sua fé, voltando para Deus e a Igreja com entusiasmo.

Depois de dezesseis anos de vício, libertou-se completamente, mas as tentações não o deixaram. Um sacerdote o ajudou com um programa de reabilitação que incorporava os doze passos da sobriedade — os mesmos que, cinquenta anos mais tarde, se tornariam a base do “Alcoólatras Anônimos”. Usava também de uma estratégia para evitar uma recaída: saía de casa sem nenhum dinheiro no bolso, para não entrar em algum bar e beber. Com esse gesto, demonstrou reconhecer a sua limitação humana e, ao mesmo tempo, o desejo de não mais voltar à antiga vida do vício.

Pouco a pouco aprende a escrever para conhecer a doutrina cristã e ler os livros da vida dos grandes santos, e assim perseverar e crescer no seu amor a Deus. O sorriso nos lábios e a sua humildade o transformaram em um apóstolo no meio dos outros operários. Pelo seu exemplo de vida, ajudou muitos colegas a sair do vício e também a se voltar para a prática da religião.

As armas para se manter firme na nova vida de filho de Deus foram durante a vida inteira: Eucaristia diária, oração intensa, leitura espiritual, devoção mariana e dedicação ao trabalho. Sua jornada começava às duas da madrugada. De joelhos, rezava até que os sinos chamassem para a missa; depois ia para trabalho e chegava entre os primeiros. Apesar de ganhar pouco, compartilhava seu salário com

os mais pobres. Durante muitas noites, cuidava de algum amigo doente.

Obteve a vitória porque humildemente reconheceu que somente com suas forças não venceria o terrível vício do alcoolismo. Buscou de todo o coração a Jesus Cristo, o único que pode transformar o homem dando-lhe uma nova vida. Deus lhe deu a graça e Matt correspondeu, abraçando a cruz das tentações com todo o seu coração para manter-se fiel. Sofreu uma intensa guerra interior. Em muitas ocasiões, seus companheiros tentavam atraí-lo de volta para a antiga vida, oferecendo uma garrafa de bebida. Apoiado na graça de Deus e com sua total entrega, obteve a sobriedade. Foram quarenta anos de completa sobriedade até sua morte. Ele viveu intensamente a palavra do Senhor: **“... o Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam”** (Mt 11,12). Mas não se esqueceu dos que sofrem este terrível vício. “Nunca despreze a um homem que não pode deixar de beber”, disse à sua irmã em uma ocasião, “é mais fácil sair do inferno.”

Em 7 de junho de 1925, enquanto ia à Santa Missa, Matt Talbot, aos setenta anos de idade, caiu desacordado em plena rua e morreu ali mesmo. Depois de sua morte, manifestou-se a santidade oculta desse heroico homem de Deus. Centenas de viciados deram testemunho de sua recuperação por meio de sua intercessão.

Matt Talbot é um modelo para todos os homens. As vítimas do alcoolismo ou da dependência de drogas têm no seu testemunho a certeza de que, com a graça de Deus, é possível superar esse e outros problemas. “A dependência do álcool é às vezes

tão forte que os familiares e os amigos da pessoa alcoólica podem pensar que ela nunca vencerá o vício, e a própria pessoa alcoólica tem a tentação de se desesperar. Nesses momentos, é bom ter presente a Ressurreição de Jesus, que nos lembra que o fracasso nunca é a última palavra de Deus” (Comissão Social dos Bispos da França, declaração de 1º de dezembro de 1998).

Oração para pedir a intercessão do Venerável Matt Talbot

Senhor, em seu servo Matt Talbot,
nos deste um maravilhoso exemplo
do triunfo sobre os vícios, da devoção ao trabalho
e de eterna reverência aos Sagrados Sacramentos.

Faz que sua vida de oração nos dê coragem
e fortaleza para tomar nosso caminho
e seguir os passos de Nosso Senhor e Salvador,
Jesus Cristo.

Por sua intercessão,
dai-me a graça de uma vida santa
e dedicada a ajudar aqueles que sofrem.

Também peço pela libertação do vício
para: *(dizer o nome)*.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo. Amém.

4

Thomas Merton: de jovem rebelde a monge

Thomas Merton é considerado um dos escritores de espiritualidade mais importantes e influentes do século XX. Depois de sua extraordinária conversão, tomou a decisão de se tornar monge trapista.

Estamos diante de alguém que teria todos os motivos para não se converter ao catolicismo. Owen Merton, pai de Thomas, era da Nova Zelândia e dedicava-se à arte, de modo especial à pintura e à música. Era um aventureiro, isto é, não se fixava em nenhum lugar. Viajou pela Europa, vindo a residir por certo tempo em Londres e depois em Paris, França.

Em Paris encontra o amor de sua vida, uma americana, sensível e sempre em busca da perfeição, com quem se casa. Em 31 de janeiro de 1915, nasce Thomas Merton, na pequena Prades, nos Pireneus franceses, onde seus pais estavam refugiados durante os conflitos da primeira guerra mundial.

Em 1916, por estarem passando por uma situação financeira difícil, vão morar nos Estados Unidos, a convite dos pais de sua mãe. Os Merton encontram o seu sustento na pintura e na jardinagem. Em 1918,

nasce o segundo filho. Em sua autobiografia escreveu sobre essa fase de sua infância: “Parece estranho que meu pai e minha mãe, tão preocupados — quase ao escrúpulo — em manter a consciência de seus filhos incontaminada por erros, mediocridade, torpeza e falsidade, não se tivessem interessado em dar-lhes um ensinamento formal de religião. A única explicação que me ocorre é que minha mãe deve ter tido uma opinião muito categórica a esse respeito. Talvez considerasse qualquer religião estruturada abaixo do padrão de perfeição intelectual que exigia de cada um de seus filhos. Nunca fomos à igreja em Flushing. Lembro-me de um dia em que tive grande vontade de ir à igreja, mas não fomos. Era domingo. Talvez o domingo da Páscoa, provavelmente em 1920”¹.

Neste meio-tempo, Owen Merton consegue um emprego de organista em uma igreja episcopal, não por alguma convicção religiosa, mas muito mais porque precisava de dinheiro para pagar o tratamento da esposa, que estava com câncer. Thomas começa a frequentar a igreja aos domingos, e ele próprio reconheceu que esse pouco de religião colocou uma semente de Deus em seu coração.

Em 1921, sua mãe falece; a dor de Thomas foi tremenda. O seu coração de criança se viu despedaçado. Por um desejo de sua mãe, ela foi cremada. Era uma maneira de dizer que tudo havia acabado.

Owen Merton não tinha mais motivos para ficar preso onde moravam. Deixa os filhos com os avós

1. Thomas Merton, *A montanha dos sete patamares*, Petrópolis, Vozes, 2005, p. 15.

maternos e parte para se dedicar à pintura. Vai para a França, onde ganha certa fama.

Thomas e João Paulo, seu irmão, são criados pelos avós, que tinham como lema religioso: “Todas as religiões são boas”, com exceção do catolicismo.

No ano de 1925, Thomas passa a viver com o pai na França. Novamente, tem uma experiência com Deus, sem consciência de estar passando por ela. O seu pai se instala em Saint-Antonin-en-Aveyron, antiga vila romana fortificada, que tinha no centro uma igreja católica. De qualquer ponto da pequena cidade medieval, era possível visualizar a igreja.

“Que coisa maravilhosa era viver num lugar construído de tal forma que você era forçado, apesar de você mesmo, a ser ao menos um contemplativo virtual! Onde durante o dia todo seus olhos deviam voltar-se sempre de novo para a Casa que escondia o Cristo Sacramentado.

Eu nem mesmo sabia quem era Cristo, que ele era Deus. Não tinha a menor ideia de que existisse algo assim como Santíssimo Sacramento. Achava que igrejas eram simplesmente lugares onde as pessoas se reuniam para cantar alguns hinos. E todavia eu lhes digo agora: vocês que são hoje o que eu fui outrora, incrédulos, é este Sacramento, e somente ele, o Cristo vivo em nosso meio e sacrificado por nós, para nós e conosco, no sacrifício imaculado e perpétuo, é somente ele que mantém unido nosso mundo e nos preserva de sermos precipitados de imediato no abismo de nossa destruição eterna. E eu lhes digo que há uma força saindo desse Sacramento, uma força de luz e verdade que penetra até mesmo

nos corações daqueles que nunca ouviram nada a seu respeito e que parecem incapazes de crer.”²

Começou a viajar com o pai em busca da inspiração para os seus quadros. Visitaram muitas capelas, igrejas antigas e mosteiros com uma história espiritual profunda. Infelizmente, o desabrochar da vida de Deus fica novamente esquecido. Aos onze anos vai para uma escola de maioria católica, mas seus companheiros não eram nenhum exemplo de autênticos católicos.

Thomas Merton tem um profundo reconhecimento pela família Privet, que carinhosamente chamava de “católicos autênticos”, em cuja casa passou algumas das suas férias escolares. Como seria bom se todos os católicos pudessem ser descritos como esse casal: “Os dois inspiravam verdadeira veneração e acho que de certa forma eram autênticos santos. E eram santos naquela maneira mais eficaz: santificados pela maneira completamente sobrenatural com que levavam uma vida comum, santificados na obscuridade, nas tarefas cotidianas, nas labutas usuais e na rotina, mas eram labutas, tarefas e rotina que recebiam uma forma sobrenatural da graça interior e da união habitual de suas almas com Deus em profunda fé e caridade. Seu sítio, sua família e sua igreja eram tudo o que ocupava a boa alma deles, e suas vidas eram plenas”³. Mais adiante dirá sobre os Privet: “Quem pode avaliar o quanto devo àquelas duas pessoas maravilhosas? Tudo o que digo é questão de hipótese, mas, conhecendo sua caridade, é para mim caso de certeza moral de

2. Ibidem, p. 40.

3. Ibidem, p. 56.

que devo muitas graças às suas orações e talvez também minha conversão e até mesmo a vocação religiosa. Quem saberá? Mas um dia saberei e é bom acreditar que os verei novamente e que poderei agradecer-lhes tudo isso”⁴.

Em 1928, vai para a Inglaterra para ficar com uma tia e continuar os seus estudos. Estuda latim, grego e se interessa pela filosofia. Durante dois anos frequentará a igreja anglicana, junto com os alunos da escola. Ele não nega que, de certo modo, Deus por este meio foi trabalhando em seu coração. Todavia, ainda não era uma verdadeira experiência de encontro com Aquele que, com o Seu Amor, deseja transformar nossa vida.

Dois anos depois, sucede uma nova tragédia, Owen Merton morre de um tumor no cérebro. Thomas fica deprimido por vários meses. O avô o chama para ir aos Estados Unidos. Durante a viagem, apaixona-se por uma passageira com quase o dobro da sua idade. Essa crise de paixão adolescente o deixa confuso, imaginando que nunca mais encontraria um novo amor.

Na casa do avô, as estantes do seu quarto ficam cheias de livros inflamados, entre eles *O manifesto comunista* de Karl Marx. O seu coração estava inquieto em busca de algo capaz de preenchê-lo. Pensa que se tornou comunista, sem saber direito o que significava comunismo.

No final do verão, volta para a Inglaterra. Em 1931, passa em alguns exames da famosa Universidade de Cambridge. Logo a seguir, parte para

4. Ibidem, p. 58.

a Itália, onde Deus o estava esperando para uma surpresa. Visitando a Itália como turista, começou a conhecer um pouco a Cristo, embora tivesse certa resistência ao catolicismo. Diz: “Foi em Roma que se formou a minha concepção de Cristo. Foi lá que vi pela primeira vez Aquele a quem sirvo agora como meu Deus e Rei, Aquele que possui e governa minha vida”⁵.

Deus começa a se manifestar de modo mais forte: “Tudo aconteceu num piscar de olhos. Mas neste piscar de olhos fui dominado por uma visão repentina e profunda da miséria e corrupção de minha alma e fui transpassado por uma luz que me fez compreender um pouco da condição em que me encontrava. Fiquei horrorizado com o que vi e todo meu ser revoltou-se contra o que estava dentro de mim; minha alma queria escapar e libertar-se de tudo isso com uma intensidade e urgência que jamais eu tinha conhecido antes. E nesse instante acho eu que, pela primeira vez na vida, comecei realmente a rezar — não com os lábios, intelecto e imaginação, mas a partir das verdadeiras raízes da minha vida e de meu ser; comecei a rezar a Deus que nunca conheci: que viesse a mim saindo de sua treva, que me ajudasse a ficar livre de milhares de coisas terríveis que mantinham escrava minha vontade”⁶.

Thomas Merton havia chegado como turista e agora volta para a Inglaterra como peregrino. Passa a ler às escondidas a Bíblia. Entretanto, não tem mais coragem para ajoelhar-se para rezar; o fervor e o entusiasmo religioso esfriam, até desaparecer.

5. *Ibidem*, p. 102.

6. *Ibidem*, p. 104.

Mergulha em uma vida desordenada e dissoluta que, em 1934, o obriga a deixar os seus estudos em Cambridge. Continua sua carreira universitária na Universidade de Columbia, Nova York. O Espírito Santo age em Thomas agora de modo mais intenso, por meio de alguns amigos e professores.

Durante dois anos, foram lançados os fundamentos para a sua conversão definitiva. Nesse período, faz um curso de literatura francesa, em que entra em contato com muitos autores católicos, que o ajudam a passar do ateísmo à possibilidade de um mundo sobrenatural.

Um amigo sugere a leitura de dois clássicos da espiritualidade católica: *A imitação de Cristo* e *As Confissões* de Santo Agostinho. Começa a ler esses livros, e o impacto foi tão forte que deseja falar com um padre.

Sente no coração o desejo de ir à Santa Missa. Era a primeira vez que isso acontecia. Mesmo na sua estada em Roma, tendo entrado em dezenas de igrejas, nunca em sua vida havia participado de uma missa. Sempre fugira dela, dominado pelo tolo preconceito protestante, herdado de seus avós maternos. E, se não bastasse, uma voz suave e forte lhe dizia interiormente: “Vá à missa. Vá a missa”⁷.

Num domingo de agosto de 1938, Thomas se rendeu ao convite de Cristo e foi à igreja de Corpus Christi, em Nova York. O modo como o povo rezava despertou a sua atenção. Ali estavam homens, mulheres, crianças, jovens de todas as classes. O seu

7. Ibidem, p. 188.

olhar se fixa em uma juvenzinha que “estava ali ajoelhada por convicção e não para mostrar-se”⁸. O modo como o padre celebrava e pregava também serviu como instrumento para que tomasse a decisão de entrar para a Igreja católica.

No mês seguinte, sai debaixo de chuva, sentindo-se finalmente seguro e feliz, depois de tantos anos de busca pela paz interior; dirige-se à igreja de Corpus Christi para pedir o batismo. Um padre da paróquia assume o compromisso de instruí-lo nas verdades do cristianismo. Merton escreveu: “Se as pessoas tivessem mais apreço pelo que significa converter-se do paganismo bruto e selvagem, do nível espiritual de um canibal ou de um antigo romano para a fé viva da Igreja, não considerariam o catecismo algo trivial e sem importância... Eu nunca me entediei... Nunca perdi uma instrução...”⁹.

No dia 16 de novembro de 1938, Thomas Merton é batizado. Confessa-se e participa da missa, fazendo a sua primeira comunhão. Aos vinte e três anos finalmente pensava já ter encontrado totalmente a Cristo.

Por não ter um diretor espiritual, entra por um caminho cheio de sombras e armadilhas. Não tem em quem se apoiar para aprofundar as riquezas da fé em que havia sido introduzido, ou mesmo para expor as suas dúvidas. Este é o perigo de todos os novos convertidos.

“... após ter recebido a imensa graça do batismo, após todas as lutas da persuasão e da conversão, após

8. Ibidem, p. 189.

9. Ibidem, p. 197.

o longo caminho que percorri através de muita terra de ninguém que se estende em volta dos confins do inferno, em vez de tornar-me um católico firme, ardente e generoso, eu simplesmente resvalei para dentro das fileiras de milhões de católicos mornos, apáticos, indolentes e indiferentes que levam uma vida ainda meio animal e que raras vezes fazem algum esforço para manter vivo em suas almas o sopro da graça.”¹⁰

Ele descobre o erro de sua caminhada espiritual: a inteligência estava convencida das verdades cristãs, porém sua vontade e coração ainda não estavam entregues à graça divina. Outra dificuldade, também presente na vida de muitos dos católicos mornos ou que abandonaram a prática religiosa, estava relacionada ao fato de não ter entendido a importância da oração, e mal conhecia a Santa Virgem Maria. “As pessoas em geral não se dão conta do enorme poder da Virgem Maria.”¹¹

Deus se encarrega de ajudar Thomas Merton a passar por todas essas lutas espirituais e superá-las, a ponto de decidir, em 1939, tornar-se padre.

O propósito de consagrar a sua vida a Deus, por meio do sacerdócio, ganha força em uma adoração eucarística. “Olhei fixamente para a hóstia e tive certeza de quem eu estava contemplando e disse: ‘Sim, eu quero ser sacerdote; do mais profundo do meu coração eu o quero. Se for de vossa vontade, fazei de mim um sacerdote, fazei de mim um sacerdote’. Depois que proferi estas palavras, percebi

10. Ibidem, p. 207.

11. Ibidem, p. 208.

até certo ponto o que havia feito com essas últimas cinco palavras, que poder eu havia posto em ação por minha livre vontade e que tipo de união fora selada entre mim e aquele poder por causa de minha decisão.”¹²

Faz, então, uma breve experiência de aproximação com os franciscanos. Contudo, uma crise de apendicite retarda este seu projeto. Nesse meio-tempo, é chamado pelo Serviço de Recrutamento Militar; era o início da segunda guerra mundial. No exame médico, é considerado incapaz. Merton, então com vinte e seis anos, vê nessa incapacidade para servir o exército um sinal de Deus.

Como estava próxima a semana santa, resolve passá-la em um mosteiro trapista. Participa com fidelidade de todas as cerimônias. Fica admirado com o espírito de oração e reverência destes homens que renunciaram a todas as honras do mundo para dedicar-se no anonimato a Deus. Thomas se sente indigno de levar tal vida, a ponto de dizer a si mesmo: “Ser monge? Eu morreria”.

Volta para Nova York, mas o seu coração continua inquieto. Conhece Catarina de Hueck, “a baronesa”, uma nobre russa exilada, que dedicou sua vida a ajudar as pessoas a terem um encontro mais profundo com Deus e que também desenvolveu um trabalho, nos anos 1930-1940, em favor da melhoria das condições de vida dos negros do Harlem, um bairro de Nova York. Thomas Merton passa a trabalhar como voluntário nesta obra social. E, assim, dividia a vida entre o ensino, a literatura e o engajamento social.

12. *Ibidem*, p. 231.

Deus faz Merton descobrir a obra de Santa Teresinha de Lisieux. Ele fica fascinado com a espiritualidade da infância de Santa Teresinha. Encontra a coragem para dizer: “Mostra-me o que devo fazer, Teresinha; se eu for para o mosteiro, serei teu monge”.

Thomas Merton já não tinha dúvidas, os escritos da santa de Lisieux foram a luz de Deus sobre o caminho a seguir. Parte para o Mosteiro trapista de Getsêmani. Era o Advento, tempo de preparação para o nascimento de Jesus, tempo para um nascimento espiritual mais profundo.

É recebido no mosteiro pelo irmão Mateus com uma pergunta: “Dessa vez veio para ficar? Merton responde: “Sim, Irmão, se o senhor rezar por mim”. “É o que venho fazendo: rezando por você”.

Em 1942, pronuncia os primeiros votos, e em 1949 o grande sonho acontece: é ordenado sacerdote para sempre.

O caminho de Thomas Merton foi longo e cheio de desvios, que às vezes davam a impressão de apontar para a direção contrária à de Deus. Porém, seu testemunho indica-nos como Deus jamais deixa abandonados os seus filhos. Ele usa de todos os meios para nos atrair para os seus braços amorosos. Neste caso, foram os sinos da igreja na infância, o exemplo e a oração do casal católico de suas férias escolares, a viagem pelas igrejas em Roma, a leitura de livros de espiritualidade, o acolhimento dos padres na igreja de Corpus Christi... Apesar de todas as idas e vindas, finalmente triunfou a graça divina.

O testemunho de Thomas Merton serve de exemplo para quem tem fome de Deus e, ao mesmo

tempo, trilha por um caminho de espinhos. É um forte estímulo para continuar lutando com coragem. Também ajuda-nos a entender a força da oração em favor da conversão das pessoas.

O pensamento de Thomas Merton

1. Transformados pelo poder do amor

“Quando as pessoas realmente amam, experimentam muito mais do que apenas a necessidade de companhia e aconchego mútuos. Em sua relação com o outro, tornam-se pessoas diferentes: são mais do que de costume, mais vivas, mais compreensivas, mais pacientes, mais resistentes... São refeitas como seres novos. Transformadas pelo poder do seu amor.”¹³

2. O que significa a vontade de Deus?

“Se quisermos saber o que significa ‘vontade de Deus’, esta é uma forma de termos uma boa ideia. A ‘vontade de Deus’ certamente está em qualquer coisa exigida de nós para podermos estar unidos uns aos outros no amor. (...) Tudo o que me é pedido para que eu trate todas as outras pessoas efetivamente como seres humanos é ‘desejado para mim por Deus dentro da lei natural’. (...) Tenho de aprender a compartilhar com os demais suas alegrias, sofrimentos, ideias, necessidades e desejos.”¹⁴

13. Thomas Merton, *Amor e vida*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 2004, p. 36.

14. Thomas Merton, *Novas sementes de contemplação*, Rio de Janeiro, Editora Fissus, 2001, p. 80-81.

3. O Espírito Santo canta em nossos corações

“A Igreja é guiada pelo Espírito de Deus que tudo abraça em Sua infinita simplicidade. O Espírito Santo é a vida da Igreja e também fonte e motor de sua oração. O Espírito Santo reza na Liturgia e, quando oramos com a Liturgia, o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, ora em nós. Rezando em nós, Ele nos ensina a rezar. Não só nos dá palavras para dizer e cantar, como também as canta em nossos corações. E quando, como deve inevitavelmente acontecer, não conseguimos entender ou apreciar o que as orações significam, o Espírito de Deus ‘ajuda nossa fraqueza’ perguntando em nosso nome com um fervor de infinito amor que nunca seremos capazes de compreender.”¹⁵

15. Thomas Merton, *Pan en el desierto*, Buenos Aires, Lumen, 1997, p. 46.

Eve Lavallière: a atriz de muitos amantes encontra o verdadeiro amor

Eve Lavallière foi uma das atrizes mais famosas do seu tempo. Era uma vedete do teatro de variedades e da comédia. Era aclamada pelo público, elogiada pelos críticos e requisitada pelos autores. Representava no palco o papel da mulher feliz, mas carregava dentro de si uma tragédia. Quando estava na meia-idade, movida pelo medo da velhice, envolveu-se com o espiritismo. A decepção com esta doutrina foi o instrumento para a sua aproximação com Jesus Cristo. Segundo uma afirmação da própria Eve: “Foi pelo demônio que cheguei a Deus”¹.

O drama da sua família

A vida trágica de Eve Lavallière tem a sua origem no drama da sua família. O pai, Emílio Fenóglgio, era alfaiate em Toulon, França. Era viciado no jogo, infiel à sua esposa e alcoólatra. Constantemente espancava a mulher. Em casa existiam somente de-

1. F. Lelotte, SJ, *Convertidos do século XX*, Rio de Janeiro, Agir, 1966, p. 113.

sentendimentos e miséria. Eve viveu uma infância triste, sem ternura e cheia de castigos de todo tipo. A mãe constantemente levava os filhos para a cidade onde estava a sua família, para fugir da violência do marido. Um dia tomou a decisão de não mais voltar; tudo em vão: o marido se junta a ela.

Nesse meio-tempo, Eve demonstra ser uma aluna aplicada nos estudos. Também faz a sua primeira comunhão. Lembrando-se deste dia, afirmou: “... Posso dizer que houve então na terra uma criança extremamente feliz, que não trazia nenhuma lembrança das humilhações e castigos...”. Também já se manifestava a sua vocação para a representação. Ela organizava pequenas peças em que era, ao mesmo tempo, atriz, diretora e figurinista.

No domingo de 16 de março de 1884, acontece o drama que marcará a vida de Eve. Os pais discutem e, de repente, o pai mata com vários tiros sua mãe, e a seguir se suicida. Tudo diante da pobre criança. Começa um novo drama: com quem ela ficaria? E assim, durante muito tempo, foi de casa em casa dos parentes, sempre sendo vista como uma intrusa, um peso incômodo.

O teatro

Não suportando mais tanta rejeição e falta de amor, Eve foge para construir sua vida sozinha. Em um primeiro momento não cede à tentação de se entregar aos diversos homens que tentam tirar a sua pureza. Então conhece um homem que lhe oferece uma vida confortável e aparentemente segura e aceita ser a sua amante. Essa aventura dura pouco. Ela foge para Paris. É o início de sua vida artística.

Por meio da amizade com um professor de dicção, entra para o teatro de variedades.

Em virtude de seu talento, versatilidade e senso cômico, rapidamente chamou a atenção do público e da crítica. Por outro lado, a sua vida sentimental não andava bem. Era amante de um diretor de teatro, com quem teve uma filha. Ela descobre que era enganada, e esse golpe abre novamente as feridas do passado, feito de falta de amor e rejeição.

Eve fica gravemente enferma e é operada às pressas. Em seu coração, estavam as sementes da fé semeadas em sua primeira comunhão, e a prova desta verdade são as suas palavras a uma freira que a assistia: “Não é da morte que tenho medo, mas do fato de não ser feliz. O que me preocupa é ter uma boa morte. Sou cristã e quero morrer como tal”. A seguir faz uma confissão e, ao receber alta, para agradecer a recuperação, leva flores aos pés de Nossa Senhora. Durante certo tempo, sempre depois das encenações, manda ao altar da Virgem Maria as flores de seu camarim.

O mergulho em uma vida sem freios

A sua busca por amor a leva a correr atrás do sucesso para despertar a atenção das pessoas. Passa a ter uma vida desregrada, sem medir nenhum limite moral ou financeiro. Ganhava grandes somas e ao mesmo tempo gastava tudo para chamar a atenção do público e para que falassem dela. Era conhecida como a devoradora de dinheiro e de homens.

O êxito nos palcos e as aventuras amorosas com homens ricos e nobres, que lhe proporcionavam

maravilhosos presentes em joias, casas luxuosas e roupas maravilhosas, não eram capazes de preencher o coração com a verdadeira alegria da vida.

À medida que os anos passam, começa a sentir o pavor de perder a juventude. Um exemplo do seu desespero acontece na estreia da peça *O rei*. Um verdadeiro triunfo, e Eve sente o desejo de atirar-se no rio Sena para acabar com a sua vida, que parecia não ter nenhum sentido. À beira do rio, no meio da noite, tira o seu belo casaco de pele e prepara-se para jogar-se nas águas. Um homem, passando por aquele lugar, percebe o desesperado gesto e corre para salvá-la. Eve reage desesperada: “Deixe-me desaparecer do mundo: eu sou a criatura mais infeliz da terra, deixe-me morrer...”. O homem a acompanha até a casa dela e, antes de partir, diz: “Deus me enviou para salvá-la, recorde-se sempre que em Deus existe somente a paz”.

Em 1908, Eve se apaixona pelo barão Von Lucios, do corpo diplomático alemão, que era casado. Ele passa a lhe dar todo tipo de presentes: palacete em um dos bairros mais nobres de Paris, carruagens de quatro cavalos, carro, joias. Os dois são separados pela primeira guerra mundial. A França e a Alemanha estavam em lados opostos.

Ela se envolve com o conde Amadeu des Cars, que a pede em casamento. Ele é ferido gravemente na guerra. Por causa da oposição da família des Cars, Eve é proibida de ficar ao lado do conde em seus últimos instantes de vida no hospital. Amargurada, tenta novamente o suicídio. É salva pelo desejo de voltar ao palco, no qual tem o reencontro com o sucesso, porém o seu coração continuava inquieto e infeliz.

O encontro com Deus

Em maio de 1917, quando já tinha chegado aos cinquenta anos, com a saúde abalada e profundamente infeliz, resolve ir com uma amiga repousar em uma pequena aldeia. Este será o lugar do encontro com Deus e a tão desejada paz interior.

O instrumento para a conversão de Eve será a amizade com o pároco do lugar, padre Chasteigner. Ele era um homem simples e direto e, em uma das suas conversas, diz: “Ah, que pena, uma pessoa como a senhora não ter fé!”.

— Mas, o que é fé? — rebateu Eve. Esse diálogo foi a oportunidade para abrir o coração ao humilde sacerdote, expondo-lhe todas as suas misérias e dúvidas. Fala de suas experiências com o espiritismo e de um frustrado pacto com o demônio para reconquistar juventude e saúde. Como nada havia acontecido, concluiu não existir o demônio. O padre somente responde: — Eu lhe digo que existe, cuidado para não encontrar-se com ele. Depois destas breves palavras, despediu-se de Eve, pegou sua bicicleta e foi embora.

No dia seguinte, o padre a visita novamente: “Esta noite rezei muito pedindo a Deus uma inspiração a seu respeito e pela manhã rezei a Santa Missa com a mesma intenção”. Logo a seguir, oferece a ela um livro sobre a vida de Maria Madalena e diz: “Leia este livro; verá o que Deus pode fazer com uma mulher como a senhora”.

A leitura do livro da história da conversão de Maria Madalena ressoou no coração atormentado de Eve, tornando real Deus, com toda a potência

do seu imenso amor misericordioso. Ela sente a coragem para começar uma vida nova.

No dia 19 de junho de 1917, Eve e sua amiga, depois de uma confissão, que foi uma verdadeira passagem da lama do mundo para os braços de Deus, recebem a santa comunhão. Ela estava vestida de modo simples, e dos seus olhos caíam lágrimas de alegria, porque finalmente tinha uma alma nova.

O dia da sua comunhão foi como se Jesus retomasse o domínio de sua vida, que já havia sido Sua com o nome Eugênia Fenóglia e que o mundo tinha mudado para Eve Lavallière. Passa a ir todos os dias à Santa Missa e ganha gosto pela oração e por leituras espirituais.

Eve toma a decisão de abandonar o teatro. Faz por Jesus Cristo o que nunca fez por nenhum homem: renunciar a ela mesma. Diante de uma proposta para voltar aos palcos responde: “Não posso mais retomar aquela vida. Sou outra pessoa. De agora em diante não existirei mais para o mundo”. O convite era para representar na América. Ela se recolhe em oração para escrever a carta rescindindo o contrato. Diz à sua amiga: “Deixe-me só. Esta carta foi dura de escrever, e mais duro será enviá-la; com ela, morro para o teatro. Não representarei nunca mais”.

Uma das provas da sinceridade de sua conversão está no fato de que não queria publicidade e também tinha medo de não ser interpretada de modo justo. Estas foram suas palavras: “O mundo não somente é estúpido e mau... Falar de minha conversão nesta circunstância é dar ocasião para divertir-se. E como está envolvido o nome de Deus

é necessário que se esqueçam de mim em respeito a Ele... Quanto a mim: amo Jesus e sua santa mãe; a Ele quero consagrar minha vida em expiação pelos meus pecados”.

O seu diretor espiritual recomenda que vá a Lourdes. Junto à gruta onde a Virgem Maria apareceu a Santa Bernadete, Eve reza, agradece a graça da conversão, chora pelos seus pecados do passado e olha para o futuro. Voltará outras vezes a esse lugar santo.

Muitas foram as suas lutas interiores, e também nem sempre as pessoas, mesmo da própria Igreja, tinham plena confiança na firmeza de sua decisão de seguir para sempre a Jesus.

Um dos seus desejos era recolher-se para sempre em algum convento. No entanto, nenhum a aceitou. Em um primeiro momento se revoltou afirmando: “Quando eu não O queria, Ele me perseguia; agora que só quero a Ele, sou recusada... Vou dirigir-lhe um ultimato”.

Entra em uma capela para estar diante do Santíssimo Sacramento. Mais tarde, lembrando-se deste dia disse: “Pareceu-me que Jesus me falava: Não chores, Eve, e não te queixes. Não encontrei o abrigo que sonhavas para o fim da vida... Em meus dias na terra, não tive sequer uma pedra para repousar a cabeça; vivia errante, perseguido e combatido. O servo não está acima do Mestre”.

Sente com clareza que deve percorrer no mundo o resto do caminho de sua vida, estando sempre mais unida a Deus, em comunhão com a Igreja e servindo generosamente o próximo.

Um novo sofrimento se abate sobre Eve: é diagnosticado que tem nefrite crônica incurável. Isso significava que a qualquer hora poderia ser surpreendida pela morte. Ela não se intimida; continua lutando pela vida e dedicando-se a fazer o bem para os seus semelhantes. Entra para a Ordem Terceira Franciscana, pois quer imitar São Francisco de Assis no seu amor a Jesus Cristo. Afinal, foi o próprio Cristo que a reabilitou completamente.

O seu diretor espiritual, Monsenhor Lamaitre, dirá: “Jamais a vi recuar diante de nenhum sacrifício”. Escolhido para Arcebispo de Cartago, na Tunísia, convida Eve e sua amiga Leona para cuidar dos doentes, junto às enfermeiras de Nossa Senhora de Cartago, uma instituição fundada por ele. Eve Permanece aí por quatro anos. Por causa da doença, é obrigada a voltar para a França.

Na proximidade de sua morte é assediada no leito por um jornalista, que lhe diz: “Aqui tem um cheque em branco em seu nome; escreva a soma que queira e me dite algumas de suas lembranças”. Ela responde: “Minha alma não está à venda”.

Antes de receber a Unção dos enfermos, encontra forças para dizer esta oração: “Mestre adorado, pelas vossas mãos pregadas na cruz, suplico-vos cancelar todos os pecados cometidos com minhas mãos culpáveis... Pela dor que vossos pés sustentaram quando foram transpassados pelos pregos, cancela todas as imundices dos meus pés pecadores... Pela santidade e pureza de vossa vida, lava todas as manchas de minha vida impura”. Em 10 de julho de 1929, fiel a Cristo, encontrado doze anos antes, purificada na alma e no corpo, morre na terra e renasce no céu.

A vida de Eve Lavallière é a comprovação de que o mundo pode conceder triunfos, glória e riqueza, que embriagam somente o coração, porém é incapaz de dar um mínimo da verdadeira paz. Ela disse um dia: “Encontrei tudo, mas não a felicidade”. Também escreveu em uma carta: “Eu sou a órfã perene da terra: procurei sempre o alimento para o coração... e ele morre de fome”. Foi somente no encontro com Jesus Cristo que finalmente recebeu a paz tão sonhada e experimentou o verdadeiro amor. Nela se realizaram em plenitude as palavras de Nosso Senhor: **“Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve”** (Mt 11,28-29).

O pensamento de Eve Lavallière

1. Quem encontra Deus recebe poder do alto para mudar

Eve Lavallière testemunha depois de sua conversão: “‘Conheço a volúpia da carne, mas devo confessar que a maior volúpia é a do espírito’. Centenas de jovens e de casais conseguiram ordenar sua sexualidade e alcançar a felicidade, a alegria e a paz, no encontro com Deus, servindo os irmãos”².

2. Dom Orlando Brandes, *A Notícia*, Joinville, 30 de novembro de 2002.

2. A Eucaristia é o alimento de quem deseja a verdadeira felicidade

“Na Tunísia se dedicou às obras hospitaleiras de caridade, devendo voltar para a França quase cega e com chagas em todo o corpo. À entrevista com um repórter, ela disse: ‘Escreva você em seu diário que tem visto a mulher mais feliz e mais alegre do mundo’. Ela durante todo aquele tempo tinha-se alimentado com o Pão que desce do céu, para que o homem coma d’Ele e não morra.”³

3. Uma confiança feita ao seu diretor espiritual

“Jesus quer tudo para Si, e com que amor Lhe damos tudo, tudo, tudo... Ele restaurou meu coração ao contato de Seu Corpo Divino, que recebo cada dia, e minha alma miserável se adoça e treme como um passarinho friorento preso na mão... Com Jesus, parece que podemos levantar o mundo; sem Ele, um grão de areia nos é pesado.”⁴

3. Pe. Fernando Maria Alvarez de Miranda, SJ, *Deus continua lhe falando* — Evangelhos do ciclo B, São Paulo, Edições Loyola, 1993, p. 99.

4. F. Lelotte, SJ, op. cit., p. 124.

6

Paul Claudel: a conversão na noite de Natal e a luta com Deus

Paul Claudel foi um famoso escritor francês e também um diplomata. Nasceu a 6 de agosto de 1868, no dia da Transfiguração, em Villeneuve-sur-Fère-en-Tardenois. O seu tio-avô foi pároco do lugar. A família de Claudel teria todos os motivos para ser profundamente religiosa, pois muitos dos seus membros foram padres. Em seu livro *Minha conversão*, escreveu que sua família era “indiferente e, depois de nossa chegada a Paris, tornou-se francamente alheia às coisas da Fé”. E ele acrescenta: “De início, fiz uma boa primeira comunhão, que, como ocorre com a maioria dos jovens, foi ao mesmo tempo o coroa-mento e o fim de minhas práticas religiosas”.

O ambiente da França em sua época, profundamente impregnado pela exaltação do materialismo e pela fé na ciência, exercerá uma influência muito forte na sua maneira de pensar e viver.

Ele mesmo descreve o efeito negativo dessa influência de vida sem Deus: “Vivia então desonestamente e de modo pecaminoso e imoral. Pouco a pouco afundava no desespero, havia perdido completamente a fé e assim vivia como um selvagem. Quando veio a morte, de um modo espantoso, de meu avô, em

virtude de um câncer, fui pego por um medo indescritível e assim comecei a refletir sobre a morte”.

No dia 25 de dezembro de 1886, entra na catedral de Notre-Dame de Paris, sem nenhum propósito espiritual, para ali assistir ao ofício divino do Natal. Começava nessa época a escrever e queria encontrar nas cerimônias católicas alguma matéria para seus trabalhos. Nessa disposição de espírito, apertado e empurrado pela multidão, assistiu à missa cantada, sem muito interesse. Voltou de novo à tarde. Os meninos do coro da catedral, de roquetes brancos, e os alunos do Seminário de S. Nicolau du Chardonnet, que os auxiliavam, tinham justamente começado a cantar o *Magnificat*. Ele estava de pé no meio da multidão, junto da segunda coluna da catedral.

Paul Claudel descreve de modo emocionado o grande dia do seu encontro com a graça de Deus:

“E ali se deu o acontecimento que domina toda a minha vida. Num momento, o meu coração sentiu-se tocado, e tive fé. Tive fé com tal intensidade de adesão, com tal exaltação de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, com tal segurança, que não ficava margem para nenhuma espécie de dúvida. E, desde então, todos os livros, todos os raciocínios, todas as eventualidades de uma vida agitada não conseguiram abalar a minha fé; mais do que isso, nem sequer conseguiram tocar-lhe. Subitamente, apoderou-se de mim o sentimento fremente da inocência, da perpétua filiação divina: uma revelação inefável. Quando tento reproduzir, como faço frequentemente, o decorrer dos minutos que se seguiram a esse momento excepcional, encontro sempre os seguintes elementos que, todavia, representam um único raio, uma única arma, de que a Providência divina se

serviu para alcançar e abrir o coração de um pobre filho desesperado: ‘Que felizes são, de fato, os que creem! E se fosse verdade? Verdade! — Deus existe; está aqui presente! É alguém! É um ser tão pessoal como eu! Ama-me! chama por mim!’ Invadiram-me as lágrimas e os soluços, e o cântico tão delicado do ‘Adeste’ aumentou ainda a minha comoção”.

Na mesma noite do Natal, sua irmã empresta uma Bíblia que uma amiga lhe dera. Claudel se fascina com a sua leitura, hábito que o acompanhará durante toda a vida. A cada página do Livro Sagrado descobre a beleza do amor de Deus e como São Tomé, com o coração arrependido, repete continuamente a Jesus: Meu Senhor e meu Deus.

O dia 25 de dezembro de 1886 marca o início da nova vida de Paul Claudel e também o desejo de recuperar o tempo perdido. Ele escreve:

“O estudo da religião passara a ser para mim o interesse dominante. Coisa curiosa! O despertar da alma e das qualidades poéticas deu-se em mim ao mesmo tempo e desfez os meus preconceitos e os meus receios infantis.

Mas o grande livro que se me abriu e no qual eu fiz os meus estudos foi a Igreja. Louvada seja por toda a eternidade esta grande e majestosa Mãe, em cujos joelhos tudo aprendi! Os domingos passava-os em Notre-Dame, e, sempre que me era possível, ia também lá durante a semana. Era, nessa altura, tão ignorante na minha religião como o poderia ser em relação ao budismo. E, agora, desenrolava-se, perante mim, o drama sagrado com tal magnificência que ultrapassava toda a força da minha imaginação. Ah! Esta já não era, certamente, a linguagem mesquinha

dos ‘devocionários’. Era a poesia mais profunda e gloriosa, eram as atitudes mais sublimes que jamais tinham sido concedidas a seres humanos. Nunca me conseguia saciar por completo com o espetáculo da Santa Missa, e cada movimento do sacerdote gravava-se profundamente no meu espírito e no meu coração”.

Ao mesmo tempo, começa uma luta interior. De um lado temia revelar a sua conversão ao seu círculo de amigos, justamente por serem os católicos tão ridicularizados. Também não queria viver uma conversão superficial. Foram quatro anos para tirar todas as pedras da sua vida antiga. Claudel sente a necessidade de uma verdadeira mudança de mentalidade e coerência de vida, como afirma Paulo em Romanos 12,2: **“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito”**.

O combate espiritual durou de 25 de dezembro de 1886 a 25 de dezembro de 1890, quando tomou a coragem para se confessar e estar em plena comunhão com Deus e a Igreja. Ninguém melhor do que o próprio Paul Claudel para falar desse dia inesquecível:

“Intimamente, dirigia-me a Deus com lágrimas; e, contudo, não me atrevia a abrir a boca. E, apesar disso, as minhas objeções tornavam-se cada vez mais fracas, e mais dura a exigência de Deus. Oh! Que bem conheci neste momento e com que firmeza me ficou gravado na alma! Mas como é que tive coragem para lhe resistir?

Enchi-me de coragem, e, uma tardinha, aproximei-me do confessionário de S. Medardo, minha paróquia. Os minutos que esperei pelo sacerdote foram os mais amargos da minha vida. Encontrei-me com um ancião, que me pareceu muitíssimo pouco abalado com a história, que a mim, todavia, me parecia muito interessante. Falou (para meu grande aborrecimento) das ‘recordações da minha primeira e santa comunhão’. Ordenou-me terminantemente que revelasse à família a minha conversão. E hoje não posso deixar de lhe dar razão. Humilhado e mal disposto, saí do ‘confessionário’ e só lá voltei no ano seguinte. Agora, estava completamente vencido, submisso e extenuado. Ali, naquela mesma igreja de S. Medardo, encontrei um sacerdote novo, compassivo e fraternal, o Pe. Ménard, que me reconciliou com a Igreja. Mais tarde, conheci lá outro santo e venerando sacerdote, o Pe. Villaume. Tornou-se o meu diretor e meu querido padre espiritual, cuja poderosa proteção, lá do céu, sinto agora continuamente. No dia 25 de dezembro de 1890 fiz a minha segunda comunhão”.

Poema de Paul Claudel,

*o Magnificat, que se encontra na terceira das
“Cinco grandes odes”, escrito em 1907, no qual retrata
o sentimento intenso do grande dia de sua conversão:*

“Oh, os longos e amargos caminhos de outrora,
do tempo em que estava só!
Caminhar em Paris, nesta longa rua que desce
para Notre-Dame!
Então, como o atleta que se dirige ao Estádio em
meio a seus amigos e treinadores,

E alguém lhe fala à orelha, e o braço que abandona,
e as luvas que lhe são ajustadas,
Eu marchava por entre os pés
caídos de meus deuses.
Há menos murmúrios na floresta de Sant-Jean, no
verão,
Menos gorjeio em Damasco, quando, ao ruído das
águas que descem dos montes em tumulto
Se une o suspiro do deserto e a agitação dos altos
plátanos à brisa da tarde,
Que palavras neste jovem coração
cheio de desejos.
Oh, meu Deus, o filho da mulher vos é mais agradeável
que um touro novo.
E me encontro diante de Vós como um combatente
que se curva
Não por se acreditar fraco, mas porque o outro é
mais forte.
Vós me chamastes pelo meu nome
Como alguém que o conhecesse, Vós me escolhestes
entre todos de minha geração.
Oh, meu Deus, sabeis quanto o coração dos jovens é
cheio de afeição e quando ele não se apega às suas
máculas e vaidades
E eis que sois alguém, subitamente!
Aterrastes Moisés com vossa força, mas estais em meu
coração, assim como se eu não tivesse pecado.
Oh, como sou bem o filho da mulher! porque a
razão, a lição dos mestres e o absurdo, tudo isso
nada vale
Contra a violência de meu coração e contra as mãos
estendidas desta criança.
Oh, lágrimas! Oh, coração fraco! Oh, mina de lágrimas
que correm!
Vinde, fiéis, e adoremos a criança que nasceu!”

André Frossard: de ateu
a cristão em poucos minutos

Uma das conversões mais fortes do século XX foi a de André Frossard. Jornalista de grande prestígio, foi redator-chefe do *Temps Présent*, participou da fundação do jornal *Le Monde*, foi também redator-chefe de *L'Aurore*, do *Nouveau Candide*, cronista do *Point*, editorialista de *Paris-Match* e tantas outras publicações importantes de seu país. Em 1990, tinha escrito ao redor de 15.000 artigos. Era também membro da Academia Francesa de Letras.

Ninguém esperaria desse homem uma conversão fulminante, afinal vinha de uma família com uma avó judia, uma mãe protestante e tendo como pai o primeiro secretário-geral do partido comunista francês. Para os Frossard era perda de tempo ocupar-se com quem tinha alguma crença, pois Deus era somente uma palavra vazia e sem sentido para a humanidade. A religião não tinha nenhum valor: não valia sequer para ser combatida. A este respeito dirá André Frossard: “Deus não existia. Ninguém nos falava d’Ele¹. (...) Éramos

1. André Frossard, *Deus existe - eu o encontrei*, Rio de Janeiro, Record, 1969, p. 27.

ateus perfeitos, daqueles que nunca se interrogam sobre o seu ateísmo”².

Na infância, os estudos não foram bem, escapava muitas vezes da escola e nada o interessava seriamente, a não ser um apaixonado amor à arte, ao desenho e às formas arquitetônicas. Como não tinha a menor ideia sobre o significado da palavra pecado, viveu a adolescência com liberdade moral ilimitada, sem escrúpulos, sem remorsos.

Quando André tem ao redor de dezoito anos, inicia uma amizade com um jovem mais velho. Amizade estranha, pois aquele jovem de vinte e três anos, Willemin, era profundamente católico. Apesar das posições diferentes sobre a vida e a religião, eram amigos inseparáveis.

O tempo passa e André Frossard continua correndo atrás de aventuras amorosas sem nenhum compromisso. Tudo parecia acontecer de acordo com esse estilo de vida desregrado. Ele tinha vinte anos quando conheceu uma garota alemã e se preparava para viver mais uma boa aventura. Era o verão de 1935 e André estava feliz porque tudo parecia estar bem.

O amigo Willemin o convida para jantarem juntos. Era o dia 8 de julho. Quando estava a caminho do restaurante, Willemin detém o carro junto a uma igreja. Pede a André que aguarde por um momento. No início, Frossard permanece calmo e indiferente. À medida que o tempo passa, impaciente, decide entrar na igreja para procurar o amigo e saber o porquê da demora.

2. *Ibidem*, p. 30.

A hora de Deus na vida desse homem de fortes convicções acontece no dia 8 de julho de 1935, quando entrou na capela das religiosas da Adoração, na rua Ulm de Paris. Aquela luz intensa que deslumbrou a Saulo no início do cristianismo, operando a sua sobrenatural conversão, no caminho a Damasco, foi sem dúvida a mesma que transformou no século XX André Frossard, de ateu comunista em católico fervoroso.

Ele descreveu o seu encontro com Deus deste modo:

“... eu era ateu ao entrar numa capela, e de lá saí cristão, alguns minutos depois. Assisti à minha própria conversão com uma perplexidade que perdura até hoje”³.

“São dezessete horas e dez minutos. Daqui a dois minutos eu serei cristão...”⁴ Ateu tranquilo... farto de esperar o fim das incompreensíveis devoções que retêm meu companheiro um pouco mais do que ele havia previsto; por minha vez empurro a pequena porta de ferro...⁵ Já entrei em igrejas por amor à arte, mas nunca vi o ostensório habitado, nem mesmo, penso eu, vi uma hóstia, e ignoro que estou diante do Santo Sacramento, para o qual ascendem duas fileiras de círios. A presença dos discos suplementares e as douradas complicações do cenário tornam-me ainda mais difícil a identificação desse

3. André Frossard, *Deus em questões*, São Paulo, Quadrante, 1991, p. 27.

4. André Frossard, *Deus existe - eu o encontrei*, Rio de Janeiro, Record, 1969, p. 151.

5. *Ibidem*, p. 153.

longínquo sol...⁶ Desde logo estas palavras são-me insufladas: *vida espiritual*. Não são ditas, não as formo eu, ouço-as como se fossem pronunciadas perto de mim, em voz baixa, por uma pessoa que vê o que ainda não vejo...⁷

Sua irrupção desfraldante, plenária, se acompanha de uma alegria que não é senão a exultação do salvado, a alegria do náufrago recolhido a tempo. Com a diferença, porém, que no momento em que sou içado para a salvação é que tomo consciência da lama na qual sem saber me havia afundado; e me pergunto, vendo-me ainda preso a meio corpo, como pude ali viver e respirar.⁸

Lá fora continuava o dia bonito... Willemin, que andava a meu lado e parecia ter descoberto algo singular na minha fisionomia, olhava-me com uma insistência medical:

— Mas o que te acontece?

— Eu sou católico.

E como se tivesse medo de não ser bastante explícito, acrescento:

— Apostólico e romano.

Para que minha confissão fosse completa.”⁹

André Frossard não só viveu a experiência única de conhecer Deus através de uma revelação pes-

6. Ibidem, p. 155.

7. Ibidem, p. 157.

8. Ibidem, p. 159.

9. Ibidem, p. 161.

soal e admirável na capela do centro de Paris, mas também teve a coragem de se tornar um verdadeiro discípulo de Cristo, dedicando-se a difundir, através de diversos meios, essa e outras experiências religiosas cristãs. Ele repetia constantemente: “... desde que encontrei a Deus eu não consigo me acostumar ao mistério de Deus. Cada dia é uma novidade para mim. E se Deus existe, tenho que dizê-lo; se Cristo é Filho de Deus, tenho que gritá-lo; se a vida eterna existe, eu a devo pregar”¹⁰.

Foi amigo pessoal dos papas Paulo VI e João Paulo II. Conseguiu o fato inédito de ser o primeiro jornalista no mundo a publicar a vida de um papa, através de uma entrevista pessoal, registrada no livro *Retrato de João Paulo II*.

O pensamento de André Frossard

1. O convertido e a importância do testemunho

“Acabei por me convencer que uma testemunha, mesmo indigna, ao conhecer a verdade sobre um processo, tem o dever de relatá-la, na esperança de que a verdade obtenha por seus méritos a audiência que, pelos seus, a testemunha não pode esperar.”¹¹

10. Disponível em: <www.therealpresence.org/eucharst/mir/portuguese_pdf/PORTU-frossard.pdf>.

11. André Frossard, *Deus existe - eu o encontrei*, Rio de Janeiro, Record, 1969, p. 10.

2. A importância de se deixar instruir pela Igreja para perseverar

“Um padre do Espírito Santo tomou a si preparar-me para o batismo, instruindo-me sobre a religião da qual, não preciso mais dizer, nada sabia. O que me disse da doutrina cristã já esperava e recebi com alegria; o ensinamento da Igreja era verdadeiro até a última vírgula, e a cada linha eu me dava conta com uma aclamação redobrada, como se saúda um tiro no alvo. Só uma coisa me surpreendeu: a eucaristia. Não que me parecesse incrível. Mas, que a caridade divina houvesse encontrado esse meio inaudito de se comunicar, maravilhava-me...”¹²

12. *Ibidem*, p. 163.

8

Princesa Alessandra Borghese: vendo a vida com olhos novos

Alessandra Borghese é descendente de uma das famílias mais nobres da Itália, que ao longo da sua história deram à Igreja Católica o Papa Paulo V (o papa que mandou construir a Basílica de São Pedro, em Roma) e muitos cardeais. O nome da família Borghese está na fachada da Basílica de São Pedro, como também em outros monumentos e em um grande parque da cidade de Roma. Mesmo com um passado familiar tão ligado à Igreja, para Alessandra Borghese Deus não fazia parte de suas preocupações. O seu sentimento em relação à Igreja era o de crítica às suas posições de modo geral, como também a quem dela fazia parte. Para ela era impossível conciliar a doutrina católica e as conquistas da vida moderna.

Alessandra Borghese descreve a sua vida antes do encontro com Deus do seguinte modo: “Apesar de um pouco conflituosa e prepotente, estava sempre rodeada de amigos. (...) Sentia crescer em mim, pouco a pouco, a consciência de ser uma princesa. (...) Parecia-me que o mundo devesse estar a meus pés. Aquele nome na fachada de São Pedro era para mim, naquela altura, um direito que todos deviam

respeitar, e mais nada. Levava com orgulho os amigos estrangeiros para admirarem aquela fachada, aquele parque, aquele museu. Por nossa casa passavam todos os descendentes das mais importantes famílias aristocráticas europeias”¹.

Mas, apesar do deslumbramento, Alessandra reconhece que não era feliz: “Assim, ao mesmo tempo em que era procurada e cortejada por muitos, tanto em Roma como por esse mundo afora, e que viajava, trabalhava, amava, e ia colhendo êxitos, a par de golpes muito dolorosos, sentia — mesmo se procurasse negar — uma inquietação sutil que não parava de crescer. Uma angústia que me mantinha em alerta constante, sempre em movimento, como se tivesse medo de parar e olhar para dentro de mim. Felizmente — compreendi depois — não estava sozinha dirigindo o jogo. Era seguida, suave mas tenazmente, por Alguém que me amava verdadeiramente e por mim esperava ao longo da caminhada. Foi uma luta por vezes amarga e dolorosa que, no entanto, desembocou num encontro repleto de alegria que ainda continua”².

O caminho de conversão desta mulher não foi através de nenhuma intervenção sobrenatural, como a de São Paulo na estrada de Damasco. Não aconteceu nenhuma discussão sobre Deus, religião ou Igreja. Por ser domingo, uma amiga, a princesa Gloria Thurn und Taxis, a convida para ir à missa. Neste dia começa a brotar no coração desta mulher do mundo a semente do amor de Deus. Não foi

1. Alessandra Borghese, *Com olhos novos*, Portugal, Diel Tenacitas, 2006, p. 12.

2. *Ibidem*.

uma conversão imediata, mas muito mais um processo. O instrumento de Deus foi o testemunho de vida de sua amiga católica. Era uma princesa como Alessandra, entretanto sua maneira de ser refletia algo questionador. Glória possuía não simplesmente uma riqueza e requinte exterior, mas a verdadeira riqueza. Qual? As pessoas às vezes se escondem por detrás do poder, sucesso, dinheiro, prazer e tantos outros “falsos deuses”, esquecendo o conselho simples de Nosso Senhor: **“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo”**³. Alessandra conta: “Achava curioso este convite dirigido aos hóspedes, amável mas decidido, este programa de vida onde a missa ocupava um lugar de relevo... Tudo isso me levou a intuir que, para Glória e para a sua família, se tratava de um acontecimento importante, um momento sentido, que não se tratava apenas de um respeito formal por uma tradição aristocrática”⁴.

Muitas eram as suas lutas interiores e resistências, e Deus, que é rico em misericórdia, coloca em seu caminho um sacerdote que a ajuda a entender a força do sacramento da reconciliação. Ela se confessa, e as trevas da sua incredulidade, dúvidas e críticas começam a ser iluminadas pela luz de Jesus Cristo. Sobre este dia escreveu: “... queria limpar a minha alma e o meu coração. Sentia que tinha que pôr um ponto final àquela que tinha sido minha vida até então, para poder iniciar algo de novo e diferente. Sentia já de há tempos uma grande necessidade

3. Mateus 6,33.

4. Alessandra Borghese, op. cit., p. 22-23.

de ajuda, mas não sabia a quem pedi-la. Decidi confiar em Deus e experimentar... A absolvição veio com uma recomendação muito forte e, pelo menos naquela altura, para mim difícil: 'A senhora cai com frequência em tentação. Para vencer as suas fraquezas deve ir à missa todos os dias e pedir assim ajuda ao Senhor...'. E foi assim que comecei a participar da missa, quase todos os dias. Já lá vão uns anos depois daquela minha decisão e ainda não desisti"⁵. No lugar das suas ideias vai colocando a Palavra de Deus, a doutrina cristã, os sacramentos, principalmente a Confissão e a Eucaristia, e desse modo nasce uma nova mulher.

Em uma entrevista ao semanário católico *Alfa e Omega*, da Arquidiocese de Madri, Espanha, em 14 de junho de 2007, questionada como se deu a sua volta à Igreja, respondeu: "Aconteceu uma renovação de minha mentalidade, antes eu acreditava que a Igreja era uma coisa velha, com uma moral que não se pode adaptar à modernidade, e que não pode pronunciar-se em questões políticas... e isto não é assim. Se você olhar com olhos novos, com o coração louco de amor por Deus, tudo adquire outra dimensão. A moral católica deixa de ser uma privação da liberdade, para se transformar em um instrumento para o crescimento de nossa vida. Ao mesmo tempo, passamos a entender que a Igreja não faz política, mas deve pronunciar-se sobre os temas éticos e outros que são importantes para a sociedade. Em um Estado laico, a Igreja tem que falar. Não é verdade que a Igreja seja uma coisa velha, porque seguimos a um Deus vivo, e nossa religião

5. Ibidem, p. 29-31.

é um encontro com Jesus Cristo, não uma filosofia ou ideologia abstrata”.

Em outra entrevista a um jornalista italiano, disse algo profundamente verdadeiro para o nosso mundo que tanto busca a liberdade: “Nós pensamos que ser livres significa ser capazes de decidir como bem entendemos sobre a nossa vida. Isso não é liberdade, porque seremos sempre prisioneiros. A liberdade é um encontro com Jesus Cristo. Eu o posso afirmar por experiência. A nossa religião é encontro com Aquele que não foi somente um profeta há dois mil anos, que passou pelas estradas da Palestina. Ele era Deus e ressuscitou. A verdadeira liberdade para mim é seguir a Jesus Cristo. É Ele quem diz quem eu sou, de onde venho, mas sobretudo para onde estou indo”.

Conta Alessandra Borghese: “Algumas vezes meus amigos brincam com a minha decisão de voltar para a Igreja, dizendo: ‘Pronto, chegou a madre superiora’. Eu sorrio e os deixo falar. Antes de minha conversão, teria ironizado também, e quem sabe muito mais”.

Peregrina entre os peregrinos de Nossa Senhora, em Fátima, Portugal, foi agradecer à Virgem porque: “Para lá do nome que trago, da herança recebida e dos meus limites, havia Alguém que me amava, e me amará sempre, e por mim esperava ao longo da caminhada. Foi uma luta por vezes amarga e dolorosa que, no entanto, desembocou num encontro repleto de alegria que ainda continua”⁶.

6. Entrevista à Agência Ecclesia, em 30 de outubro de 2006.

O pensamento de Alessandra Borghese

1. A importância de testemunhar a fé em todas as ocasiões

“Há muitos anos que a minha vida tem vindo a mudar nas formas exteriores, mas mais ainda no seu fundo. Reencontrei em plenitude uma fé cristã-católica nunca inteiramente extinta, mas seguramente comprimida e sufocada numa esquina remota do coração. Não podia calar-me mais ou dar-me por contente ao comunicar este acontecimento apenas a alguns amigos. Sentia a necessidade de dá-lo a conhecer a muitos, para que também eles pudessem abrir-se à Esperança que agora habita no meu coração. E levar a perceber que se trata de um dom à sua disposição também. Queria dar um simples testemunho de como e por que é possível uma vida sair transformada.”⁷

2. Um modo simples para viver a Palavra de Deus

“Estou a aprender a conhecer a Escritura, sobretudo através da Missa, nos textos das leituras propostos tanto aos Domingos como nos dias de semana. Sempre que posso, procuro lê-los de véspera e guardá-los durante a noite no coração. Não sou por certo uma entendida. Por isso a minha leitura é uma leitura, digamos assim, simples, espiritual. Ao fazê-la, peço sempre ao Espírito Santo que me ilumine para me permitir entender e reter aquele ponto que me possa ser útil naquele momento, aquele ensinamento, aquela ideia que ajude o meu coração a penetrar um

7. Alessandra Borghese, op. cit., p. 17.

pouco mais a fundo no grande mistério de Deus e do seu amor.”⁸

3. A ligação entre a Missa e a confissão

“Por isso, é necessário que nós, além de participarmos na Missa, também nos abeiremos da Eucaristia, que comamos aquele Corpo e bebamos aquele Sangue que se nos oferecem. E isto porque, para nós, a salvação operada por Jesus passa pela Eucaristia, que é o caminho privilegiado e ao mesmo tempo o mais fácil e mais seguro. É preciso, no entanto, prepararmo-nos para recebê-la cada vez melhor, com o coração cada vez mais puro. Eis a razão da Confissão.”⁹

4. O poder da missa

“... o coração da Igreja é a Santa Missa, a celebração da Eucaristia. A Missa é a renovação sacramental do Sacrifício da cruz e é dela que brota hoje para nós a salvação do Calvário em união com a glória da Ressurreição. Está lá, presente no altar, a Trindade, que em nome de Jesus Cristo, mercê do Seu sacrifício de amor, nos concede sempre o Espírito Santo que dá a vida e nos santifica.”¹⁰

8. Ibidem, p. 94.

9. Ibidem, p. 96.

10. Ibidem, p. 168.

9

Muçulmano conta: “Por que me converti ao catolicismo?”

Carta de Magdi Cristiano Allam¹:

“Caro diretor:

O que lhe vou contar diz respeito a uma decisão de fé e de vida pessoal que em nada implica o *Corriere della Sera*, de que me orgulho de fazer parte desde 2003 na qualidade de subdiretor. Escrevo-lhe enquanto protagonista desta vivência e cidadão privado. Na noite de domingo converti-me à religião católica, renunciando assim à fé islâmica. Desta forma, e pela graça divina, veio à luz o fruto são e maduro de uma longa gestação vivida em pleno sofrimento e alegria, entre a profunda e íntima reflexão e a consciente e manifesta exteriorização. Estou especialmente agradecido a Sua Santidade, o Papa Bento XVI, que me ministrou os sacramentos da iniciação cristã — Batismo, Confirmação e Eucaristia — na Basílica de São Pedro durante a solene celebração da Vigília Pascal.

Adotei o mais simples e explícito nome cristão: ‘Cristiano’. Desde domingo que me chamo Magdi

1. *Corriere della Sera*, 23 de março de 2008.

Cristiano Allam. Foi o dia mais belo da minha vida. Receber o dom da fé cristã na celebração da Ressurreição de Cristo das mãos do Santo Padre é, para um crente, um privilégio ímpar e um bem inestimável. Quase a celebrar cinquenta e seis anos considero este momento da minha história pessoal um feito histórico, excepcional e inesquecível, uma inflexão radical e definitiva diante do passado.

O milagre da Ressurreição de Cristo refletiu-se na minha alma, libertando-a das trevas de uma doutrina em que o ódio e a intolerância perante o ‘diferente’, rotulado acriticamente de ‘inimigo’, prevalecem sobre o amor e o respeito pelo ‘próximo’, que é, em toda e qualquer circunstância, ‘pessoa’. A minha mente sente que se libertou, ao mesmo tempo, do obscurantismo de uma ideologia que legitima a submissão e a tirania no momento em que aderi à genuína religião da Verdade, da Vida e da Liberdade. Na minha primeira Páscoa como cristão não só descobri Jesus como o autêntico e único Deus, que é o Deus da Fé e da Razão. A minha conversão ao catolicismo é o ponto de chegada de uma gradual e profunda reflexão interior, a que não me pude furtar pelo fato de, há cinco anos a esta parte, ter sido obrigado a levar uma vida ‘blindada’ — casa vigiada e guarda-costas a acompanharem-me a todo o lado — devido às ameaças e condenações à morte que pendiam sobre a minha pessoa, ordenadas por extremistas e terroristas islâmicos residentes na Itália e no estrangeiro.

Senti-me, assim, impelido a questionar a atitude daqueles que emitiram ‘fatwas’ (decretos religiosos), acusando-me — a mim, que era muçulmano — de ser ‘inimigo do Islã’, ‘cristão copta hipócrita, que

se passa por muçulmano para prejudicar o Islã', e 'traidor e difamador do Islã', para legitimarem a minha condenação à morte. Perguntei-me amiúde como é que alguém como eu, que lutou convicta e determinadamente por um 'Islã moderado', que se expôs ao denunciar o extremismo e o terrorismo islâmicos, acaba por ser condenado à morte em nome do Islã mediante um decreto que se quer legitimado pelo Corão. Apercebi-me assim de que, além da conjuntura que permite a implantação do fenômeno que são os extremistas e o terrorismo islâmico em todo o mundo, a raiz do mal está inscrita num Islã que é fisiologicamente violento e historicamente conflituoso (...).

Caro diretor, perguntou-me se não temia pela minha vida, consciente de que a conversão ao cristianismo vai resultar em mais uma condenação à morte, desta feita por apostasia. Tem razão. Sei bem ao que me exponho, mas prefiro enfrentar o meu destino de cabeça erguida e com a solidez interior de quem está convicto da sua própria fé. A isto acresce o gesto histórico e corajoso do Santo Padre, que aceitou, desde que soube do meu desejo, ministrar-me em pessoa os sacramentos da iniciação ao cristianismo. Sua Santidade lançou, assim, uma mensagem explícita e revolucionária a uma Igreja que tem sido, até agora, demasiado prudente na conversão de muçulmanos, abstando-se de fazer proselitismo em países de maioria islâmica e silenciando a realidade dos convertidos nos países cristãos. Uma atitude que releva do medo. Do medo de não poder ajudar os convertidos diante da condenação à morte por apostasia e do medo de represálias sobre os cristãos residentes em países

muçulmanos. Pois bem, hoje, Bento XVI diz-nos, através do seu testemunho, que é preciso vencer o medo e não temer a hora de proclamar a verdade de Jesus, muçulmanos incluídos.

Pessoalmente, creio que chegou o momento de pôr fim ao puro arbítrio e à violência dos muçulmanos que não respeitam a liberdade religiosa. Na Itália existem milhares que se convertem ao Islã e vivem serenamente a sua nova fé. Mas também há milhares de muçulmanos que se convertem ao cristianismo e se veem obrigados a esconder a sua nova fé com receio de serem assassinados por extremistas islâmicos. Num desses acasos que evocam a mão do Senhor, lembro aqui que o primeiro artigo que escrevi para o *Corriere della Sera*, em 3 de setembro de 2003, se intitulava ‘As novas catacumbas dos muçulmanos convertidos’ e versava sobre alguns neocristãos que, na Itália, denunciavam a sua profunda solidão espiritual e humana perante a insistência das instituições do Estado, que não tutelam a sua segurança, e o próprio silêncio da Igreja.

Ora, gostaria que o gesto histórico do Papa Bento XVI e o meu testemunho fossem considerados como um sinal para sair das trevas das catacumbas e para proclamar publicamente a vontade de serem o que realmente são. Se não formos capazes, aqui na Itália, berço do catolicismo e nossa casa, de garantir a todos a plena liberdade religiosa, até que ponto poderemos ser críveis quando denunciemos a violação dessa liberdade noutras partes do mundo? Peço a Deus que esta Páscoa tenha sido sinônimo de ressurreição do espírito para todos os fiéis de Deus que tenham vivido, até agora, subjugados pelo medo”.

Magdi Cristiano Allam — nasceu no Egito em 1952, no seio de uma família muçulmana, mas nunca abraçou a fé de forma convencional. Apesar de ter ido em peregrinação a Meca, desrespeitou muitos outros preceitos da fé islâmica. Incitado pela mãe, Magdi Allam, vai estudar em uma escola de inspiração católica no Egito, onde se familiarizou com a cultura e a civilização ocidental. O fascínio pelo Ocidente levou-o até Roma e à La Sapienza. É na universidade romana que, aos trinta anos, inicia os estudos em sociologia. No entanto, seria o jornalismo a abrir-lhe as portas da fama. Torna-se colaborador do *La Repubblica* e, mais tarde, do *Corriere della Sera*. Polêmico e irreverente, notabilizou-se como especialista em assuntos do Médio Oriente.

10

Ingrid Betancourt: o milagre do Sagrado Coração

Ingrid Betancourt, ex-candidata a presidente da Colômbia, esteve sequestrada seis anos pela guerrilha de seu país. Antes de ser sequestrada, em fevereiro de 2002, Ingrid era uma mulher de pouca fé. Ela mesma o reconhece. A um jornal francês disse: “O primeiro ano, é verdade, eu estava triste com Deus. Zanguei-me pela morte de meu pai. Dizia-lhe: por que permitiu isso, por que me castiga? Logo entendi que podia agradecer, porque papai nunca teria suportado seis anos deste horror. Posso dizer que minha fé cresceu continuamente”¹.

Durante os seis largos anos que permaneceu em poder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), no sul da selva colombiana, os únicos livros que tinha consigo eram a Bíblia e um dicionário. A leitura da Sagrada Escritura foi o apoio e a fonte da coragem para não se entregar diante do duro sofrimento do seu cativo.

Na entrevista ao jornal francês disse: “No princípio de meu cativeiro, disse-me: Bem, vou passar

1. Semanário católico francês *Pellerin* de 7 de julho de 2008.

meses e meses aqui, assim vou ler a Bíblia, já que não a conhecia. Ao abri-la, meus olhos se fixaram nas palavras de São Paulo, em Romanos 8,26: ‘... o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis’. Ao ler isto, em meu coração disse: Meu Deus, está bem, mas eu sei o que quero, quero ser livre! Seis anos depois, ao reler estes versículos, por fim os entendo. Pensei: Menos mal que o Espírito Santo está aqui para rezar por mim, porque sou incapaz de pedir o que necessitava”².

Ela teve a coragem de atribuir sua libertação a um milagre. Nos diversos encontros com a imprensa internacional fez questão de declarar:

“Um dia, depois de ter estado caminhando durante horas e sem saber aonde a conduziam, sentiu uma ‘imensa angústia e desespero porque não via o final do Calvário’. Então, ligou o rádio e escutou a voz do papa que precisamente estava pronunciando seu nome e pedia sua libertação. ‘É difícil dimensionar o efeito psicológico’ que pode ter uma coisa assim, afirmou. ‘Para mim foi como uma luz e por isso, desde que voltei para a liberdade, queria vê-lo e abraçá-lo’”³.

Libertada de seu cativeiro, Ingrid Betancourt foi ao santuário de Lourdes, na França, e à basílica do Sacré-Coeur de Paris, para “dar graças ao Sagrado Coração”.

2. Ibidem.

3. Ibidem.

No encontro com Bento XVI falou ao Santo Padre como no dia 1º de junho de 2008 pediu um milagre a Jesus: “Escutando a Rádio Católica Mundial descobri que em junho se celebra o mês do Sagrado Coração. Pois bem. A última vez que vi meu pai estávamos sentados em sua casa, sob uma imagem do Sagrado Coração. Papai pegou em minha mão, olhou para a imagem e disse: ‘Sagrado Coração, cuida de meu coração, cuida de minha filha’. Assim, quando falaram do Sagrado Coração prestei atenção. (...) Sabia que os que se consagravam ao Sagrado Coração recebiam bênçãos. Lembro-me de uma em particular, em que Jesus prometia tocar os corações duros que nos fazem sofrer. Então eu disse: Isso é para mim. Eu necessito que Deus toque o coração duro da guerrilha, que toque o coração duro de todos aqueles que não deixam que se produza nossa liberdade. Eu necessito desta graça, que é a de obter a liberdade de todos nós. E eu necessito que Ele me ajude a carregar esta cruz porque eu sozinha não posso mais. Então orei: ‘meu Jesus, nunca te pedi nada porque és tão grande que me dá vergonha pedir. Mas aqui vou pedir algo muito concreto. Não sei exatamente o que significa consagrar-se ao Sagrado Coração, mas se eu souber, ao longo deste mês de junho, em que data serei libertada, serei toda tua’. No dia 27 de junho recebi a notícia de que seria libertada, vivi o milagre, Jesus cumpriu sua palavra”⁴.

O papa ficou profundamente comovido com esse relato e disse a Ingrid: “Deus tinha respondido a suas orações porque soube pedir bem. Não

4. Ibidem.

pediu sua libertação, mas sim a graça de fazer Sua vontade”⁵.

Ao sair da audiência papal, Ingrid Betancourt aproveitou a ocasião para dar uma mensagem àqueles que não creem: “Há muitas pessoas que estão decepcionadas com Deus e não querem acreditar e tantas pessoas com vergonha de acreditar em Deus. A única coisa que posso dizer é que há alguém que nos ouve e nos fala com palavras e que, se nos dispomos a falar com ele, Ele nos ajuda com a sua bondade. Eu sou a prova desta verdade”⁶.

O encontro com Maria Santíssima também foi marcante para sua vida espiritual. Até então não lhe dizia nada, apesar de toda a devoção de seu pai. Porém, lendo as Escrituras Sagradas, seus olhos passaram a enxergá-la de um modo novo:

“Caí admirada ante ela, sem dúvida porque para compreender a Virgem é necessário ter vivido e adquirido uma certa maturidade. E comecei a descobrir uma jovem que aceitou ter um filho apesar de ter um plano totalmente diferente para sua vida. Ela enfrentou todos os riscos. Para a maioria dos cristãos, são coisas bem conhecidas, mas para mim era tudo novo. Encontrei uma mulher forte, uma mulher inteligente, uma mulher com senso de humor. Apaixonei-me por Maria lendo o evangelho de São João, nas bodas do Caná. Fiquei maravilhada com o diálogo entre Maria e Jesus. Essa cumplicidade entre eles é genial. Apesar de todas as razões com

5. Ibidem.

6. Ibidem.

que Jesus se opõe a sua mãe, ela sabe que ele vai fazer o que ela pede, isto é, transformará a água em vinho nas bodas por amor a ela. Lendo a passagem não podia deixar de pensar em minha relação com meu filho Lorenzo”⁷.

Em 2 de julho de 2008, junto do avião que a trouxe da selva, rezava de joelhos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, dando graças a Deus junto com os outros libertados. Em suas mãos, o Rosário que fez com uns botões como contas. O mesmo Rosário que estava em suas mãos durante sua entrevista com Nicolas Sarkozy, presidente da França.

7. Ibidem.

Joseph-Marie Verlinde: o encontro com Cristo de um seguidor da Nova Era

Joseph-Marie Verlinde é doutorado em ciências e foi investigador de química nuclear antes de ser ordenado sacerdote católico em 1983. Passou a ensinar Filosofia da Natureza na Universidade Católica de Lyon e, em 1991, entrou para a Fraternidade Monástica da Família de São José. É especialista em filosofias orientais e esoterismos.

Ele viveu em um momento de muita contestação a todos os valores fundamentais, como família, moral, política e religião. Era o ano de 1968, quando a juventude da outrora Europa cristã começou uma busca por caminhos novos, e por isso a rejeição a tudo o que era tradicional e a qualquer forma de autoridade, inclusive à própria Igreja e ao cristianismo como um todo. Verlinde tinha então vinte e um anos.

Influenciado por esse momento conturbado, rompe com o cristianismo. Acreditava que dando este passo seria completamente livre para pensar, falar e agir, sem os freios de alguma doutrina ultrapassada. Passa a se dedicar à pesquisa científica.

Ao mesmo tempo, sente a necessidade da dimensão espiritual. A sua atenção se volta para a Meditação Transcendental, tendo seguido Maharshi Mahesh Yogi e sido admitido como seu discípulo nos *asbrams* na Índia. Aí permaneceu por quatro anos. Aprofundou todos os aspectos teóricos e práticos da Yoga e da filosofia hindu.

Um dia uma pessoa lhe pergunta se tinha sido cristão, qual tinha sido o seu relacionamento com Jesus Cristo, e o que agora Ele significava. Neste questionamento está apresentada a chave para entender o significado de ser cristão. Quantos foram batizados, criados em uma “família cristã”, frequentaram cerimônias religiosas, sem nunca perguntar: Quem é Jesus Cristo para mim? Ele acaba se transformando em uma mera palavra sem influência, ou um personagem de uma história muito antiga. Quantos criticam o cristianismo sem de fato conhecê-lo, ou por nunca demonstrarem interesse, ou porque ninguém lhes anunciou o evangelho nem apresentou o tesouro espiritual da Igreja.

O reencontro com Cristo

Joseph-Marie Verlinde conta como aconteceu a sua volta ao cristianismo: “Fez-se de uma maneira verdadeiramente desconcertante, porque nunca pensei que após um corte tão radical pudesse regressar ao cristianismo.

Acontece que, um dia, alguém me perguntou se tinha sido cristão e o que é que Cristo se tinha tornado para mim. Só mais tarde é que percebi que esta é a questão central dos Evangelhos, o que

dizemos nós que é Jesus. O reencontro foi tão forte que não podia duvidar, por um instante, que me tinha deparado com Cristo. Portanto, encontrara o que sempre procurei e não tinha motivos para continuar longe da minha terra”.

Na primeira fase de sua volta ao cristianismo, trava conhecimento com pessoas aparentemente cristãs, porque liam as Escrituras Sagradas e, ao mesmo tempo, falavam com uma linguagem semelhante àquela do seu tempo na meditação transcendental. Ele imaginava ser possível uma ligação entre o hinduísmo e o cristianismo. É introduzido nos ritos de ocultismo, passa a “ouvir vozes”, manifestação de espíritos. O seu interior não fica em paz e por uma ação da graça divina se afasta desse grupo.

Finalmente, busca a orientação de um sacerdote que, por coincidência divina, era também o exorcista da diocese. A direção espiritual equilibrada de uma pessoa com a missão de conduzir o rebanho de Cristo e a participação nos sacramentos, de modo especial a Eucaristia e a reconciliação, acompanhadas de um verdadeiro desejo de seguir a Cristo, finalmente levaram Verlinde a uma viva adesão à fé cristã. O resultado foi o seu ingresso no seminário, onde estudou durante dez anos. Este tempo serviu para que ele colocasse as ideias em ordem e, segundo suas próprias palavras, foi um tempo “de cura interior”. Em 1983, foi ordenado sacerdote da Santa Igreja.

O pensamento do Pe. Joseph-Marie Verlinde sobre o cristianismo e as filosofias orientais

1. “A experiência interior do Oriente não é um encontro, é um vazio; o encontro com Cristo é um encontro com uma pessoa que me ama incondicionalmente e esperava que eu me voltasse para Ele. A conversão cristã é um ‘voltar-se na direção DEle’.”¹

2. “Quem diz ‘acredito em Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador’, quem acredita que Ele é o Verbo de Deus feito carne, que recapitula todos os homens em si, não há razão para incorporar-se noutras correntes, não se pode jogar dos dois lados.”²

3. “As grandes tradições religiosas são caminhos por onde o homem procurou Deus, mas na plenitude dos tempos Ele manifestou-se em Jesus. Logo, o diálogo baseia-se no respeito, nos traços de verdade que possam existir nessas tradições. Muito mais delicada é a questão da ‘New Age’, porque ela tem um caráter parasitário, não é filosofia nem teologia, é um movimento muito vago que assume elementos de várias tradições. O seu problema é a ‘confusão’, o não saber quem é o interlocutor. Não tem nenhuma face claramente definida, é preciso exigir, em primeiro lugar, que ela se clarifique, se não, é impossível dialogar.”³

4. “O médium é uma pessoa que — através de técnicas apropriadas — abriu ‘as portas da percepção extrassensorial’. O problema é sempre o mesmo:

1. Entrevista à Agência Ecclesia, em 31 de janeiro de 2004.

2. Ibidem.

3. Ibidem.

parece que os poderes ocultos — a vidência é um deles — não se podem exercer senão ‘graças à’ colaboração com entidades pouco recomendáveis. Daí que consultar um médium signifique por esse mesmo fato abrir-se às influências dessas entidades. Se por outro lado se encontrar com um médium sem recorrer aos seus ‘serviços’, não correrá nenhum risco: o inimigo não tem nenhum poder sobre nós a não ser que lho concedamos!”⁴.

5. “O Reiki é uma prática oculta, que se fundamenta nos grandes princípios da magia:

- invocação dos espíritos do mundo astral com o fito de exercer, com a colaboração deles, poderes taumatúrgicos;
- no horizonte de um misticismo naturalista, que pretende que o homem é uma emanção da energia divina onipresente; e
- que pode por isso pretender alcançar a onisciência e a onipotência divinas; bastando-lhe para isso adquirir o domínio da energia na qual ele está imerso e da qual as iniciações sucessivas o fazem tomar consciência.

É impossível conciliar uma tal prática mágica,

- que nega a transcendência divina;
- que afirma a divindade natural do homem e torna assim inútil qualquer recurso a um Salvador;
- cuja eficácia se fundamenta totalmente numa aliança com as entidades pouco recomendáveis do mundo astral, contatadas no decurso de um ritual iniciático oculto, com uma vida cristã que queira ser fiel à Revelação (Escritura, Tradição, Magistério).

4. Pe. Joseph-Marie Verlinde, Disponível em: <<http://www.final-age.net/forums/viewtopic.php?>>.

Também não é de espantar que este gênero de práticas, que retiram a sua 'eficácia' da colaboração com os espíritos do mundo astral, conduza a médio ou longo prazo a diferentes formas de alienação — psíquica ou espiritual.”⁵

5. Artigo do Pe. Joseph-Marie Verlinde. Disponível em: <<http://www.final-age.net/LE-REIKI.html?lang=fr>>.

12

Hollywood: o lugar mais improvável para encontrar Deus

Alec Guinness¹: a conversão do mestre Jedi de *Guerra nas Estrelas*

A infância de Alec Guinness não foi fácil: nasceu em Londres em 1914, nunca soube quem foi seu pai. Certa ocasião, falando de sua mãe, descreveu-a com amargura no coração, afirmando: “Deitou-se com toda a tripulação do iate de Lorde Moyne na Regata Cowes e quando deu à luz chamou Guinness ao bastardo, mas meu pai foi provavelmente o maldito cozinheiro”. E, para completar, sua mãe era alcoólatra e roubava coisas.

Aos dezesseis anos já se considerava ateu, posição que atribuía à sua habilidade para detectar a

1. Recebeu Oscar e Globo de Ouro como melhor ator, em 1957, por seu trabalho em *A Ponte do Rio Kwai* como coronel Nicholson. Dentre seus inúmeros filmes destacam-se: *Lawrence da Arábia* (1962; como Rei Faissal), *Cromwell* (como Rei da Inglaterra), *Irmão Sol, Irmã Lua* (1972), *Passagem para a Índia* (1984), *Guerra nas Estrelas* (1977; como Obi-Wan Kenobi), *Doutor Jivago* (1963) e *Assassinato por Morte* (como o mordomo).

hipocrisia nos adultos a seu redor. Depois da escola, trabalhou um ano em uma agência publicitária e depois se preparou para ser ator. Apesar de tentar negar a sua sede de Deus, chegou a seguir algumas correntes espiritualistas e um templo budista, entre outras experiências. Nenhuma o atraiu particularmente.

Os passos para a sua conversão foram lentos, mas ao mesmo tempo revelam uma maneira misteriosa de a graça divina atrair os corações sinceros em suas buscas. Alec Guinness era uma destas pessoas.

Uma das primeiras manifestações importantes de Deus aconteceu quando seu filho Matthew, de onze anos, contraiu poliomielite e ficou semiparalisado. Guinness entrou em uma igreja católica e fez uma promessa a Deus: se seu filho fosse curado, este poderia se converter ao catolicismo. A cura aconteceu, e aos quinze anos seu filho resolve se tornar católico.

Aos quarenta anos, Guinness escreve em seu diário: “Minha alma, meu corpo, meu cérebro adoecem necessitando religião. O mundo é muito inóspito e inexpressivo sem um sentido de adoração”. Nessa época, é convidado para interpretar no cinema o personagem Padre Brown, o que influenciou muito sua conversão. O filme estava sendo rodado no interior da França. Durante um dos intervalos, foi dar um passeio, sem tirar a batina de padre católico. Ele conta: “Era de noite. Não estava muito longe, quando ouvi uns passos ligeiros e a voz de uma criança gritando: Padre. Um menino de uns sete ou oito anos me agarrou a mão, apertando-a com força, balançou-a e ficou a falar sem parar.

Estava cheio de animação, saltava, saltava e não me soltava. Embora eu fosse um completo estranho,

pensava que era um sacerdote e, portanto, alguém de confiança. De repente, com um ‘Boa noite, Padre’, e uma espécie de reverência lateral, desapareceu. Enquanto seguia meu passeio, refleti a respeito de uma Igreja que era capaz de inspirar uma confiança tal em um menino. Comecei a mudar os preconceitos, adquiridos fazia muito tempo”².

Em outro trecho de sua biografia escreveu: “O verão de 1955 foi muito feliz para mim. Um sábado pela tarde montei em minha bicicleta e, quase sem rumo, pedalei os quatro quilômetros que me separavam do Petersfield e me detive frente à igreja do Saint Lawrence... Expliquei ao pároco que era um anglicano, que desejava ser instruído na doutrina católica. Ele se mostrou afável e simpático, explicando-me que era um ex-anglicano. Ao não encontrar nenhum obstáculo na igreja de Saint Lawrence, decidi procurar o pior em outra parte. Queria ver o catolicismo em seu aspecto mais tétrico e menos simpático. Portanto, decidi ir uns dias a um mosteiro trapense, onde quase sempre há silêncio e se diz que a vida é desolada... Puseram à minha disposição um monge para conversar quanto quisesse.

Quando os monges celebravam a missa, havia como um sentimento reverencial de Deus expandindo-se, como se enchesse cada espaço da igreja e de todo o mundo”³.

“Pouco tempo depois fui à Califórnia para a rotação do filme *The Swan*, mas, antes de partir

2. Alec Guinness, *Memorias*, Madrid, Espasa-Calpe, 1987, p. 60.

3. *Ibidem*, p. 62-65.

da Inglaterra tinha prometido ao Padre Henri Clark fazer todo o possível para ir à missa todos os domingos. Em 24 de março de 1956, fiz a minha adesão à Igreja católica diante do Padre Clark, na igreja Saint Lawrence, Petersfield. Como incontáveis conversos antes e depois de mim, senti que voltava para casa e como se houvesse visto aquele lugar pela primeira vez.”⁴

A partir desse momento, passa a ler com ardor as obras espirituais do cardeal Newman, de Chesterton, Hilaire Belloc, Knox, Charles de Foucauld e Santa Teresa de Ávila. Em um de seus diários, aponta uma passagem das *Revelações do Amor Divino*, uma das visões da devota medieval Juliana do Norwich:

“Vi uma coisa pequenina na palma de minha mão, do tamanho de uma avelã, redonda como uma bolinha. Pensei: o que será isto? E me respondeu: ‘Isto é tudo o que foi feito’. Me maravilhou como podia manter-se e não cair na inexistência por sua pequenez. Me respondeu: ‘Mantém-se, e se manterá sempre, porque Deus o ama’”.

Guinness foi profundamente tocado por essa visão e em sua caixa de maquiagem levava sempre uma avelã, que era o que primeiro tirava e punha na mesa do camarim ao chegar a um teatro.

Era um leitor devoto de São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores e dos jornalistas. Guinness tinha uma inegável capacidade para fazer mal às pessoas com seus comentários e, por isso, buscou nos ensinamentos desse grande santo a inspiração para renovar a sua mente e as suas palavras. Uma

4. Ibidem, p. 68.

frase foi a sua inspiração para viver essa decisão de mudança: “O pior pecado que podemos cometer contra nosso irmão é o da língua”. Guinness via a São Francisco de Sales como um santo prático, com métodos aplicáveis. “Vou e venho e volto a começar em minha vida religiosa, mas se aprofundo, acredito, e rezo e confio”, diria a um amigo nesses dias.

Alec Guinness era muito consciente de seus pecados e limitações, “dolorosos, quando não ridículos ou terrivelmente repetitivos”. Foi consciente de suas falhas e, de fato, a maioria de seus papéis no cinema ou teatro tratava o tema do fracasso, fosse como soldado ou espião, empregado de escritório ou vendedor, cientista ou nobre em desgraça. Em sua vida espiritual, seu reconhecimento dessa debilidade e sua dependência dos sacramentos fortaleceram sua fé.

Alec Guinness, convertido pela ação da graça divina, também pela bondade dos sacerdotes e pelo testemunho de outros convertidos, descobriu que a Igreja faz parte do plano de Deus para nossa vida.

Joe Eszterhas: o roteirista do filme *Instinto selvagem* reencontra a fé católica

Joe Eszterhas é um roteirista de cinema conhecido em Hollywood como o criador do “*thriller* erótico”, um gênero composto por filmes que combinam sexo e violência. Um dos seus filmes mais conhecidos foi *Instinto selvagem*, com Sharon Stone e Michael Douglas. Também foi editor da revista *Rolling Stone*.

O escritor, nascido em 1944, cresceu em campos de refugiados na Hungria depois da segunda guerra mundial, até que chegou com sua família a Cleveland, Estados Unidos. Trabalhou como repórter de notícias policiais, cobrindo incontáveis tiroteios e brigas urbanas. Nesse tempo, conta que sua vida era muito turbulenta, cheia de mortes, assassinatos, crimes e caos, o que marcou sua posterior carreira de roteirista.

No verão do ano 2001, Eszterhas foi diagnosticado com câncer de garganta. Os médicos decidem realizar uma delicada cirurgia e lhe recomendam abandonar o álcool e o cigarro. Eszterhas tinha cinquenta e seis anos e, na maior parte destes anos, viveu um estilo de vida desregrado e cheio de loucuras; mudar seus hábitos não seria fácil.

Ele sente que sua vida havia chegado ao fundo do poço: “Estava virando maluco. Estava muito nervoso. Tremia. Não tinha paciência para nada. Cada terminação nervosa necessitava um gole e um cigarro”.

O dia do desespero diante do diagnóstico do câncer na garganta foi o grande momento do seu encontro com a infinita misericórdia de Deus. Sentado no chão, chorando e não tendo mais nenhum apoio humano, balbuciou uma pequena oração: “Por favor, Deus, vem em meu auxílio”.

Ele próprio fica espantado com estas suas palavras. Desde criança não rezava. Seu deus era o dinheiro, o sucesso, o prazer e os vícios. “Não podia acreditar que havia dito aquelas palavras. Não soube por que as tinha dito. Nunca antes o fizera”.

A sua breve oração não foi em vão. Primeiro percebeu um profundo sentimento de paz e confiança, e a seguir viu, segundo sua própria descrição, “uma luz brilhante, deslumbrante, que quase me deixava cego e me fez cobrir os olhos com as mãos”.

Essa experiência foi decisiva para a transformação de sua vida. Sentiu ser capaz de viver sem o álcool e o cigarro. E reconheceu que esta era uma graça que estava sendo concedida por Deus, como uma nova oportunidade para encontrar a verdadeira felicidade. A partir de então, começa um caminho interior que o leva a uma decidida conversão ao catolicismo e a uma volta à fé em que foi educado.

Como todos os grandes convertidos, descobre a importância e a necessidade da Eucaristia: “A presença do Corpo e Sangue de Cristo está em minha mente e é uma experiência assustadora. A Comunhão é poderosa e é quase um sentimento celestial”.

Quando recebe algum convite para voltar a escrever roteiros com violência e sexo, imediatamente responde: “Minha vida mudou desde que Deus entrou em meu coração. Não me interessa a escuridão. Tenho quatro filhos maravilhosos, uma esposa a quem amo com todo o meu ser, adoro estar vivo e curto cada momento de minha vida. Minha visão se iluminou e não quero retornar a esse lugar escuro”.

Hoje, os médicos já lhe deram alta, e ele testemunha que a cura do câncer aconteceu por um milagre. Mas, para Joe Eszterhas, o maior de todos os milagres foi ter reencontrado Deus e fazer parte da sua grande família, a Igreja.

Mark Wahlberg, ator do filme *Os infiltrados*: “A Eucaristia salvou minha vida”

Mark Wahlberg nasceu em Dorchester, subúrbio operário ao sul da cidade de Boston, nos Estados Unidos. A sua família é de origem simples; seu pai era caminhoneiro e deixava a família sozinha por muito tempo. Mark é o mais novo de nove irmãos. Eram católicos praticantes, mas Wahlberg cedo começou a se rebelar contra a família e seus costumes. No bairro onde morava, corria muita droga e violência, e ele sempre se envolvia com as pessoas erradas. Por isso, teve uma infância tumultuada. Abandonou a escola aos catorze anos e começou a roubar carros e a vender drogas. Aos quinze anos, foi condenado a passar cinquenta dias em uma prisão depois de assaltar e agredir dois homens.

Começou na carreira artística aos dezenove anos, aproveitando a fama do irmão, Donnie Wahlberg, integrante do grupo New Kids on the Block. Como líder da banda Marky Mark and the Funky Bunch, consegue um contrato com uma gravadora e lança seu primeiro álbum, em 1991. Uma das marcas registradas para manifestar a sua rebeldia e irreverência com todos os valores era abaixar as calças nos *shows*. Esta sua atitude foi a chance para se tornar garoto-propaganda das cuecas Calvin Klein.

No cinema, estreou em *Um novo homem*, comédia estrelada por Danny De Vito. Um ano depois, estava ao lado de Leonardo DiCaprio em *Diário de um adolescente*. Mas passou a ser notado quando fez um psicopata no suspense *Medo*. Depois disso, atuou em *Boogie Nights — Prazer sem limites*, *Mar em fúria*, *Planeta dos Macacos* e *Rock Star*. Em

sua mais respeitada performance, em *Os infiltrados* (2006), um filme policial, contracena novamente com Leonardo DiCaprio — e com outros grandes atores, como Matt Damon, Jack Nicholson e Martin Sheen. Por este filme foi indicado para o Oscar. Atuou ao lado de muitas estrelas do cinema, como Reese Witherspoon, Joaquin Phoenix, Charlize Theron, James Caan, Ellen Burstyn e Faye Dunaway.

A verdadeira volta por cima em sua vida, porém, segundo suas declarações à imprensa, deve-se principalmente ao reencontro com Deus, por meio da Eucaristia. Participa da missa dominical e “se for necessário interrompo inclusive a filmagem, mas não deixo de ir à missa. É muito mais importante que o trabalho”.

Para o ator, a fé é “consolo, sentido, tudo” e por ela reconhece que se arrependeu de ter ferido a muitas pessoas em sua vida, “a quem peço frequentemente que me perdoem”, e trata de evitar “novas faltas e pecados”. Movido pela transformação operada por Deus em sua vida, criou a fundação The Mark Wahlberg Youth Foundation, para ajudar os jovens a não seguirem o mesmo caminho triste de sua juventude.

Eduardo Verástegui: o sucesso leva o ator ao fundo do poço, e aí encontra Jesus

Eduardo Verástegui é um ator de televisão e cantor mexicano desses que provocam a histeria das adolescentes e atraem multidões. Aos dezoito anos, decide correr atrás de seu sonho de fama. Vai para a Cidade do México, grava vários discos com

um conjunto e ganha certo sucesso, despertando a atenção pela sua beleza física. Por isso, é contratado para fazer telenovelas. Consolida-se como um dos atores mais famosos e queridos deste ramo de espetáculos em seu país.

Dá um segundo passo na carreira transferindo-se para Miami e depois para Los Angeles. É contratado por um grande estúdio para rodar uma série de filmes. E inicia uma trajetória de êxitos. Sua carreira começa a desabrochar, e ele ganha a fama de “*latin lover*”. Junto com a fama vieram também o abuso do sexo, as drogas... Tinha perdido a perspectiva da realidade e vivia em um mundo à parte. Cada vez mais foi afundando na infelicidade e vazio interior.

“Em minha busca de saber o que havia mais além deste vazio, comecei a fazer a mim mesmo as grandes perguntas que todo mundo faz alguma vez na vida: Que faço neste universo? De onde venho? Para onde vou? Que sentido tem tudo isso?... e nesta busca comecei a frequentar outro tipo de gente, outro tipo de ambiente. Tomei consciência que havia sido um egoísta. Vivia em uma contradição constante: queria fazer coisas boas e não as estava fazendo”, sustenta. “Estava correndo atrás de uma mentira.”

A providência divina entra em cena usando uma professora de inglês para ajudar Eduardo a enxergar que existia outro tipo de vida, capaz de dar as respostas para a sua profunda insatisfação existencial. Ela era católica praticante, e isso causou impacto em sua vida. Afinal, ele se considerava católico, mas na verdade era vazio de conteúdo. A sua prática religiosa se resumia em ir a missa uma vez ao ano e trazer junto de si um terço.

A professora de inglês o questiona quanto a sua vida espiritual dizendo: “Se você ama tanto a Deus como diz, traz o terço, tem uma imagem da Virgem em sua casa, vai à missa uma vez ao ano e crê estar de fato sendo amigo de Deus, por que o insulta tanto? Por que rompe a comunhão com Ele?”. Daí começaram as lágrimas. Durante três meses entrou em uma profunda crise. Eduardo confessa: “Pela infinita misericórdia de Deus, voltei à realidade, reconheci que estava vivendo em uma incoerência total, contradições de todo o tipo. Assim é que deixei tudo: meu empresário, minha carreira; fui falar com um sacerdote”.

Precisava encontrar alguém que falasse espanhol para compartilhar tudo o que sentia e o arrependimento por uma vida tão afastada de Deus. Conheceu um sacerdote mexicano, que começa a ajudá-lo e lhe oferece alguns livros, por meio dos quais redescobre a beleza da vida cristã. Começa a participar da missa diária, e outro sacerdote propõe-lhe uma confissão geral. Depois de uma larga preparação, Verástegui faz uma confissão de três horas de duração. É o que o ator considera seu segundo momento de conversão. “Compreendi que não tinha nascido para ser ator ou outra coisa, a não ser para conhecer, amar e servir a Jesus Cristo”.

A partir desta confissão, toma uma decisão radical: “não voltaria a fazer nada em contradição aos meus princípios morais e nada que diminua a minha gente, os latinos, nem no cinema, nem na televisão nem em nenhum meio”.

O ator recorda como seus pais sofreram quando deixou os estudos e começou a ter uma vida com todo tipo de exageros. Cansada de não ser escuta-

da, sua mãe se dedicou a rezar por ele. “Creio que as orações de minha mãe tiveram muita influência em minha transformação de vida.” Nestas palavras existe uma grande sabedoria, pois não há nada mais poderoso que as orações de uma mãe por seus filhos. Quando lhe perguntam o que mais aprendeu de seus pais, não demora em responder: “Minha fé. É um presente que Deus me deu através deles”.

Ele assegura estar disposto a “vender tacos” em Tamaulipas, sua terra natal, se for para ser fiel a seus princípios. “Se um dia eu casar e tiver filhos, que meus filhos sejam orgulhosos de seu pai. Quero levar uma vida íntegra, vou ser radical. Não me agrada o meio-termo. Seja quem for que esteja por trás do melhor projeto, não vou fazer nada que vá contra meus princípios porque, se aceito, é o mesmo que me vender e voltar a viver uma mentira.”

Em uma entrevista concedida em espanhol a um canal de televisão dos Estados Unidos, a EWTN, Verástegui, quando perguntado sobre o propósito para a sua vida, sem rodeios e meias palavras respondeu: “Eu não fui chamado ou nasci para ser um ator, não fui criado para ser famoso, nem rico, nem um engenheiro, um médico, um sucesso. Eu fui chamado a ser santo”.

A história de Eduardo Verástegui é uma destas conversões que exigem da nossa parte um exame de consciência e revisão da própria vida. Ele se converteu unicamente em virtude da coragem de se render à graça divina e foi inundado pelo amor que Deus tem por todos os seus filhos, sem distinção.

13

O ex-pastor Fernando Casanova¹: “Por que me tornei católico?”²

O ex-pastor Fernando Casanova vivia uma vida tranquila e firme na tradição pentecostal de sua família. Havia passado por um momento de crise espiritual, abandonando a prática religiosa, e entrado em uma breve vida jovem desordenada. Passada essa fase, segundo suas próprias palavras: “Decidi entregar-me ao Senhor de corpo e alma”. Sente o chamado de Deus para ser pastor, para se dedicar totalmente à salvação das almas.

Ao mesmo tempo em que se sentia à vontade com a religiosidade pentecostal, seu coração não estava tranquilo, como se faltasse algo para preencher totalmente a sua fome e sede de Deus.

1. Fernando Casanova nasceu em Porto Rico e é casado com Lizzette Nazario. Têm três filhos. Doutor em Teologia, escritor, foi Decano da Faculdade de Teologia dos Padres Dominicanos da Universidade Central de Bayamón, Porto Rico; professor estável da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Santo Tomás do Aquino de Roma; professor de várias universidades em Porto Rico e conferencista internacional.

2. Conferência de Fernando Casanova na XVI Convenção da Associação Nacional de Sacerdotes Hispanos dos Estados Unidos, em 11 de outubro de 2005, em San Juan de Porto Rico.

Começou uma busca espiritual para ser o mais fiel possível à vontade de Deus, e também em continuidade à Igreja estabelecida desde o início por Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele percebia existir certa incoerência entre o modo em que havia aprendido a viver a fé cristã e a vontade de Jesus, transmitida aos apóstolos e continuada pela Igreja primitiva.

Colocou toda a sua energia para ser um bom pastor de almas. Ele imaginava que talvez fosse necessário voltar às raízes do movimento pentecostal para reavivar em sua denominação a prática do modelo paulino de ministério cristão (cf. 2Cor 11,4-12.21), como também um estilo de vida comunitária mais próxima dos primeiros cristãos (cf. At 2,42.44; 4,32-35).

Toma a decisão de lecionar no Seminário Teológico. Assume a cadeira de teologia sistemática, com a finalidade de ajudar a formar pastores com uma visão mais fiel às Escrituras Sagradas e ao propósito de Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo.

O seu envolvimento com o ensino foi total. As suas aulas eram fruto da sua busca de fidelidade ao Senhor; por isso, começa a examinar a Bíblia e a própria história da Igreja Cristã. Em virtude da sua sinceridade e do desejo de encontrar a verdade, fez algumas descobertas importantes para a sua futura conversão:

— a Igreja primitiva era uma Igreja apostólica (cf. Jo 10,16; Jo 15,16; 20,21; Jo 21,17; Lc 22,29-30; Lc 22,32; Mt 16,18; Ef 4,11; 1Tm 3,1.8; 5,17), com autoridade (Mt 28,18-20; Jo 20,23; Lc 10,16); perpétua (Is 9,6-7; Dn 2,44; 7,14; Lc 1,32-33; Mt 7,24;

13,24-30; 16,18; Mt 28,19-20; Jo 14,16); e infalível (Jo 16,13; 14,26; Mt 16,19; 1Tm 3,15; 1Jo 2,27; At 15,28).

— outro traço importante: a questão da unidade (espiritual e visível) (Jo 10,16; 17,17-23; Ef 4,3-6 [cf. 3,21; 4,14]; Rm 16,17; 1Cor 1,10; Fl 2,2; Rm 12,5; Cl 3,15).

O estudo dos escritos dos Padres da Igreja³ abriu os seus olhos para constatar quanto a sua denominação estava distante do pano de fundo eclesial da Bíblia e do cristianismo primitivo. E aí começou a surgir algo para ele, em um primeiro momento inaceitável: a Igreja Católica era a instituição que mantinha viva a doutrina da origem do cristianismo.

Ele não queria renegar a sua origem pentecostal e evangélica. Por isso, com mais intensidade e desejo de ser fiel à verdade divina, dedicou-se à oração, ao estudo da Sagrada Escritura e da história.

Cada vez mais ficava desiludido em constatar que o Espírito Santo derramado em Pentecostes, para inaugurar a Igreja de Jesus Cristo para o mundo, era entristecido por uma terrível realidade religiosa de divisão e oposição entre aqueles que deveriam testemunhar a unidade. **“Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e**

3. Escritores eclesiásticos dos primeiros séculos, que se recomendam pelo valor da sua doutrina, pela santidade de vida e pela aprovação da Igreja. Eles são um apoio seguro para entender como o cristianismo formou a sua doutrina e também como a Igreja se organizou em todas as suas dimensões.

o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Dando testemunho, em uma assembleia de padres, disse: “Tive que reconhecer: a divisão entre os cristãos não só atenta contra a vontade de Jesus, como também é a causa principal de incredulidade”.

E ainda: “Estava seguro de que Jesus não se equivocou; de que havia uma só verdade que conduz a um só Senhor, e de que para maior glória de Deus essa verdade deve ser transmitida sem ambiguidades por uma só Igreja (Ef 3,21; 4,3-6.14.15). A evidência bíblica, o sentido comum e a história me assinalavam a Igreja Católica como a Igreja de Jesus Cristo, a original e a única. De fato, nenhum protestante, por mais anticatólico que fosse, podia negar que a Igreja de Jesus Cristo, que conhecemos como Católica, manteve-se constantemente dizendo e estabelecendo a verdade; sobre a Trindade (Concílio de Niceia, 325), a divindade do Espírito Santo (Constantinopla, 381), a personalidade divina de Cristo (Concílio de Éfeso, 431); afirmação das duas naturezas na única pessoa de Cristo (Concílio de Calcedônia, 451), e até sobre o cânon bíblico (Concílios de Roma [382], Hipona [393] e Cartago [397 e 419]). Como consequência, todas estas verdades jogavam por terra a hipótese anticatólica da corrupção da Igreja por Constantino e o Decreto de Milão de 313.”

Apesar de todas as evidências, tinha ainda muitas resistências, resultado principalmente de sua educação religiosa anticatólica. Havia aprendido desde pequeno, e também pregava no púlpito e ensinava no seminário, que os católicos eram idólatras em todos os sentidos. Fernando é muito categórico ao afirmar que procurava todos os

pretextos para não fazer-se católico, mas tudo foi em vão, pois a verdade o arrastava.

Um dos primeiros e mais importantes questionamentos era em relação à Eucaristia. Não era capaz de aceitar a doutrina da presença real de Jesus Cristo nas espécies sagradas. Afinal, para os evangélicos, a Santa Ceia é uma recordação da ceia pascal de Jesus com seus discípulos e tem somente um valor simbólico. E o texto mais usado é 1 Coríntios 11,23-34, e sobretudo os versículos 23-26: **“Eu recebi do Senhor o que vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim. Assim, todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice lembrais a morte do Senhor, até que venha”**.

Qual a visão paulina sobre a Eucaristia? — foi a pergunta de Fernando Casanova. Examinando 1 Coríntios 10,20-21: **“Não! As coisas que os pagãos sacrificam, sacrificam-nas a demônios e não a Deus. E eu não quero que tenhais comunhão com os demônios. Não podeis beber ao mesmo tempo o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar ao mesmo tempo da mesa do Senhor e da mesa dos demônios”**, entende que São Paulo revela que a mesa da Eucaristia é o lugar da decisão a favor ou contra Jesus Cristo. E por quê? A Eucaristia é ocasião para

renovar a conversão e o compromisso com uma vida íntegra, pois recebemos o próprio Cristo: **“O cálice de bênção, que benzemos, não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão, que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?”** (1Cor 10,16).

Aprofundando o texto mais usado pelos evangélicos para falar e ministrar a Santa Ceia, é tocado pelas palavras de 1 Coríntios 11,29: **“Aquele que o come e o bebe sem distinguir [ou discernir] o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação”**. Discernir significa dar-se conta, reconhecer. No caso da Eucaristia, São Paulo está falando que quem não é capaz de reconhecer a presença de Jesus neste sacramento nunca encontrará plenamente a realidade maravilhosa de Cristo. E **“Esta é a razão por que entre vós há muitos adoentados e fracos, e muitos mortos”** (1Cor 11,30).

O passo seguinte foi uma nova leitura e estudo atento de João 6,22 ss., em que Jesus deixou a explicação de como deveria ser interpretada a ceia eucarística. Casanova percebe como o Senhor, através de todo o discurso do pão da vida, faz questão de não deixar dúvidas quanto à realidade da Sua presença na Eucaristia. O Senhor repete com insistência: **“Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo. Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último**

dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não como o maná que vossos pais comeram e morreram. Quem come deste pão viverá eternamente” (Jo 6,51.53-56). Nestas palavras não existe margem para dúvidas: a Eucaristia não é uma recordação ou algo simbólico, mas aí está realmente presente Jesus por inteiro.

Um segundo ponto importante está no fato de Nosso Senhor não corrigir o modo como seus ouvintes interpretaram as suas palavras: **“A essas palavras, os judeus começaram a discutir, dizendo: Como pode este homem dar-nos de comer a sua carne?”** (Jo 6,52). Jesus mostra ser este o sentido de suas palavras, pois: **“Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos”** (Jo 6,53).

“Tive que reconhecer que este acontecimento celebrado pela Igreja Católica há dois mil anos, com tanta fé e a um custo tão alto, é uma poderosa presença de Deus. Uma presença que tem que produzir uma excelente oportunidade de conversão. Esta oportunidade que provê Deus na Eucaristia se constituiu para mim em uma fonte de reconciliação e de liberação também.

E desta maneira tive que agir de acordo com a minha consciência e convencido desta grande

verdade da Igreja do Senhor: Una, Santa, Católica e Apostólica. Não existia outra saída. Tive que renunciar a meu ministério. Sofri muito” — afirma Fernando Casanova.

Além do questionamento sobre a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, teve também que responder a questões como o lugar que desempenha a Virgem Maria na história da salvação, o primado de Pedro, o papado, a veneração dos Santos, o batismo de crianças e a confissão dos pecados a um sacerdote. Ele diz que sempre encontrou respostas fortes e convincentes na Sagrada Escritura e no tesouro da doutrina católica.

O caminho de conversão de Fernando Casanova não esteve isento de graves problemas: a rejeição de seus amigos e companheiros de igreja, o desprezo de sua própria família, a incompreensão de sua esposa no processo de conversão, os problemas econômicos que surgiram ao ficar sem trabalho, a necessidade de abandonar a vocação que acreditava ser fruto do chamado de Deus. Sua conversão não foi em vão; agora encontrou milhares de amigos e irmãos e, por uma especial intercessão da Virgem Maria, ele, sua esposa e seus filhos se integraram totalmente à Igreja Católica. O exemplo do doutor Casanova é um estímulo para os que ainda duvidam da veracidade da Igreja Católica.

14

Jacques Fesch: um assassino no altar

A vida desesperada de Jacques Fesch até a idade de vinte e quatro anos é semelhante àquela de muitos jovens de nossos dias. Quantos jovens constroem uma vida vazia, sem ideais, cheia de egoísmo e caprichos. Chega um momento em que é necessário fazer uma escolha, e cada escolha tem a sua consequência. Em 24 de fevereiro de 1954, a vida de Jacques Fesch muda radicalmente. Ele rouba certa quantidade de ouro e, a seguir, mata um policial. Ele é preso, e a sua sentença é a pena de morte na guilhotina. Tudo não passaria de mais uma triste crônica policial se não acontecesse na prisão uma das conversões mais inspiradoras do século XX. Fesch foi chamado de “o novo São Paulo”. Em 1993, o arcebispo de Paris, cardeal Jean-Marie Lustiger, começou as práticas para o início do processo de canonização.

Alguns poderiam questionar: um assassino, exemplo de santidade? Tal reação vem do fato de não conhecermos realmente a vida dos grandes convertidos do cristianismo. Imaginamos que a santidade é reservada somente às pessoas virtuosas. Jacques Fesch não era virtuoso. Era um rapaz pretensioso

— comentavam seus companheiros de classe. Um menino sem personalidade e um aluno desatento, segundo seus professores. Expulsaram-no do colégio por causa de sua preguiça e indisciplina. Considerava inútil o trabalho. Era solitário e falava pouco. Não tinha o carisma da liderança; seu único prestígio entre os amigos nascia do dinheiro que esbanjava; pelo resto, passava despercebido. Sua permanente distração eram os bares e as intermináveis farras.

Jacques Fesch foi um homem com todas as limitações do mundo, nada diferente dos outros homens. Entretanto, foi capaz de reconhecer sua fraqueza e deixar a graça divina entrar em seu coração. Tudo concorria para o contrário: a família, sua preguiça, seus pecados, a falta de objetivos diante da vida... mas se fez pequeno, abandonou-se à misericórdia de Deus. Deus veio ao seu encontro. Jesus não canoniza o pecado, a não ser o arrependimento — diz o cardeal Lustiger —, e assim ninguém pode sentir-se excluído do amor de Deus.

A vida familiar e afetiva

Nasceu em 6 de dezembro de 1930, em Saint-Germain-en-Laye, Paris, França. Os seus pais tinham origem nobre e posses para proporcionar à família todo o conforto necessário para uma vida tranquila. O pai era diretor de um banco, homem de cultura, amante da música, aventureiro e ateu confesso. A mãe tinha um bom caráter, mas era muito introvertida, incapaz de demonstrar os seus sentimentos mais íntimos. O casal não foi capaz de construir uma família harmoniosa e unida. As discórdias os levaram

à separação, que influenciou de modo negativo a Jacques Fesch. Na prisão, escreveu: “meus pais não se entendiam... O resultado era um ambiente familiar carregado de confusão nos momentos culminantes, e de tensão e dureza depois das crises. Não havia respeito, não havia amor”¹.

Na sua infância, foi plantada a semente do cristianismo no período em que foi educado em um colégio católico. Na adolescência, o pai passa a ser o seu ideal de vida, ainda que antes se sentisse esquecido por ele. Pensa em somente tirar o máximo da vida, sem demonstrar compromisso com nada. Começa a andar mal nos estudos e a trocar a noite pelo dia. Cresce desorientado, vazio e cada vez mais infeliz. Seus pais, por viverem também no seu próprio mundo egoísta, não enxergavam ou não queriam admitir o fracasso em relação aos filhos.

Aos dezessete anos, conhece Pierrette Pollack, primogênita de uma rica família judia, com quem começa uma amizade. Em 1950, presta o serviço militar e tem um relacionamento mais forte com Pierrette, tendo como fruto uma filha. Tomam a decisão de casarem no civil, sem contudo existir um verdadeiro amor, principalmente da parte de Fesch. No diário, explica este momento com as seguintes palavras: “Casei-me primordialmente porque minha mulher estava grávida e também porque em minha nova família encontrei uma aparência de calor... Não amava a minha mulher, mas me entendia amigavelmente com ela. Queria a minha filha, mas o que significa uma criança quando se tem vinte anos e falta todo tipo de freio moral?”².

1. Jacques Fesch, *Dentro de cinco horas verá a Jesús*: diário de prisão, Madrid, Palavra, 2006, p. 38.

2. *Ibidem*, p. 50.

A imaturidade do casal provocará a separação. A jovem volta para a casa dos pais e ele passará a morar com a mãe, nesta altura já separada do marido. Então, pensa em abrir um negócio próprio. A mãe empresta o dinheiro. Ele o gasta de maneira irresponsável: compra um carro de luxo e o restante aplica na criação de uma empresa de transporte de carvão. Antes de começar as atividades, a empresa entra em falência. A mãe fica decepcionada e resolve não mais ajudá-lo. Ele se reaproxima de Pierrette e da filha, na busca de um refúgio para a sua inquietação e infelicidade. Porém, por causa da oposição principalmente por parte da família da esposa, encontravam-se às escondidas, como se fossem amantes. Era a ilusão de tentar viver um amor que não existia, como uma fuga da realidade.

O início do fundo do poço

Jacques Fesch estava praticamente sozinho. Não trabalhava. Não tinha dinheiro. Não tinha nenhum projeto de vida. Desorientado e insatisfeito, agora alimentava um sonho: conhecer o mundo. A fantasia vinha das viagens realizadas pelo pai às ilhas do Pacífico, cheias de aventuras e amores. Para realizar esse desejo, necessitava de certa quantia para comprar um barco.

Ninguém confiava mais em Fesch. Todas as portas foram fechadas, inclusive a do seu pai. O dinheiro passa a ser uma obsessão, ainda que fosse necessário roubar. Ele escreverá: “Tudo me empurrava a fugir, a seguir a larga via que conduz ao abismo. Cada dia transcorrido apertava em torno de mim a rede que me asfixiava. Uma alma destruída. Não é

que eu gostasse da ideia do roubo, mas necessitava uma meta diferente das ambições normais; qualquer outra coisa me teria salvado, (...) como o alpinista dominado por uma vertigem cai no abismo, a gente acaba sentindo-se terrivelmente dominado por uma determinada ideia, que elimina toda capacidade de reflexão, e termina por não poder livrar-se do mal, e assim cometendo-o...”³.

Chega o triste dia 24 de fevereiro de 1954. Jacques procura um cambista, amigo de seu pai, para encomendar certa quantidade de ouro. No final do dia, levando uma arma tirada da casa do pai, vai retirar o ouro. Em vez de pagar, aproveita uma distração do comerciante e o golpeia na testa. O homem reage, gritando por socorro. Jacques foge assustado, vindo a se esconder no telhado de uma casa. É perseguido por algumas pessoas, entre elas um agente da polícia. Passado algum tempo, pensando já ter acabado a perseguição, sai do esconderijo. Uma pessoa o reconhece e grita: “É ele”. O policial dá uma ordem de prisão: “Mãos ao alto”. Jacques dispara a sua arma, atingindo mortalmente no coração o policial. Lembrando-se desse dia, escreverá: “Sentia-me completamente enlouquecido, tinha perdido o controle de mim mesmo. Via tudo confuso. O agente de polícia não era para mim mais que uma forma vaga... Tinha que ocorrer assim. Disparou meu subconsciente, porque eu já não vivia”⁴.

Jacques Fesch é preso e mandado para uma cadeia em Paris. No dia 6 de abril de 1957, dia do seu

3. Ibidem, p. 57.

4. Ruggiero Francavilla, *Jacques Fesch*, Milano, Pauline, 2006, p. 105.

aniversário, é dada a sentença definitiva do tribunal: condenação à morte na guilhotina.

A cadeia e a transformação de vida

A última fase da vida de Jacques Fesch foi o período do cárcere até a sua morte. Quando chega à prisão, recebe a visita do capelão, a quem rejeita dizendo: “Eu não tenho fé, e por isso não tenho necessidade da sua ajuda”⁵. Um ano depois de estar na prisão, escreveu à sua pequena filha: “Faz três dias que recuperei a fé... Pela segunda vez em minha vida caem as escamas de meus olhos e percebo a misericórdia de Deus”⁶. Inicia-se um itinerário espiritual que pode seguir-se por suas cartas, mais tarde reunidas em um livro. No cárcere procurou melhorar sua relação com sua mulher e seu pai, e aproximá-los da fé.

A mãe havia morrido, neste meio-tempo, deixando o grande vazio em seu coração.

O momento da conversão de Jacques Fesch nos faz recordar o encontro do Senhor com Paulo na estrada de Damasco e também a experiência de Santo Agostinho, quando na sua luta espiritual ouve a voz de uma criança dizendo: “Toma e lê”, abre as Escrituras e é transformado pelo poder de Deus. Jacques descreve como o Deus rico em misericórdia tocou sua vida, do seguinte modo: “Gritei desesperado: Meu Deus, Meu Deus. E, imediatamente, como um vento violento, sem que a gente saiba de onde vem,

5. Jacques Fesch, op. cit., p. 68.

6. Ibidem, p. 76.

o Espírito do Senhor tocou em meu ser”⁷. Foi uma conversão instantânea. Deus tinha respondido com Seu imenso amor. Ao amigo, o monge beneditino D. Thomas, escreveu: “Eu acreditei, não sei como antes não acreditava. A graça de Deus me visitou e fui inundado por uma grande alegria e paz. Tudo ficou claro em poucos instantes. Era uma alegria sensível fortíssima...”⁸. Nesta mesma noite de luz, Jacques ouviu uma voz que dizia: “Você recebe a graça de sua morte”⁹. Uma frase à primeira vista incompreensível, que entenderá somente mais tarde.

Ele não era mais a mesma pessoa, por isso escreveu: “Agora, tenho verdadeiramente a certeza de começar a viver pela primeira vez. Tenho a paz e estou dando um sentido à minha vida, antes não era mais do que um morto vivo”¹⁰. Para manter acesa a fé e crescer na comunhão com Deus, estabelece uma disciplina espiritual, como ele próprio conta: “Ficamos sempre sozinhos no cárcere, salvo uma meia hora de passeio ao dia, igualmente sozinhos; outra meia hora por semana para falar com alguém de fora... A cada manhã às 8 horas rezo as leituras da missa, com o missal; uma vez por semana o capelão celebra a missa. Ele tem me emprestado diversos livros. Acabei de ler a vida de Santa Teresa de Ávila...”¹¹.

O advogado de defesa, Paul Baudet, um convertido e membro da Ordem Terceira do Carmo, também foi um instrumento da graça, tanto para a sua conversão como para ajudá-lo a perseverar por

7. *Ibidem*, p. 76.

8. Ruggiero Francavilla, *op. cit.*, p. 99.

9. *Ibidem*, p. 99.

10. *Ibidem*, p. 104.

11. *Ibidem*, p. 130.

meio de livros de espiritualidade. Nas suas cartas, Jacques escreveu: “Prometo ser seu intercessor no céu... Se Jesus permitir, estarei junto de si até o fim, assistindo-o com as minhas orações...”¹². Baudet morrerá “sozinho” em sua cama, sem a ajuda de ninguém, no dia do 15º aniversário da condenação à morte de Jacques Fesch, 6 de abril de 1972.

No dia de sua execução na guilhotina (1/10/1957) escreveu: “Faltam cinco horas. Espero o Amor... Tenho os olhos fixos no crucifixo, e meu olhar não se separa das chagas do Salvador. Quero conservar sua imagem em meus olhos até o final. Recitarei o rosário e as orações dos moribundos e, depois, porei minha alma nas mãos do bom Deus. Dentro de cinco horas, verei Jesus”¹³.

E as palavras finais de seu diário foram: “O coração salta de meu peito. Virgem muito santa, tenha piedade de mim. Entretanto, acredito que com um pouco de vontade chegarei a superar esta angústia... Acredito que vou interromper este diário, pois ouço uns ruídos inquietantes... Que eu resista ao golpe...! Ajude-me, Virgem muito santa. Adeus a todos, e que o Senhor os abençoe”¹⁴.

12. Ibidem, p. 325.

13. Angelo Comastri, *Dio è amore*, Torino, Ed. San Paolo, 2003, p. 23.

14. Jacques Fesch, op. cit., p. 68.

15

Pier Giorgio Frassati: o jovem e a alegria de ser cristão

Pier Giorgio Frassati foi um jovem cristão como tantos outros de todos os tempos. Ao mesmo tempo, nos poucos anos de vida, testemunhou muito mais do que uma simples pureza, alegria, participação ativa na vida da Igreja, por meio da oração, comunhão diária e adesão aos vicentinos, liga eucarística, ação católica. A sua breve mas intensa existência foi a realização, na vida cotidiana, do ordinário extraordinário.

Nada na sua vida familiar favoreceu o seu desabrochar espiritual. Pelo contrário, tudo era favorável a que levasse uma vida sem preocupações de nenhuma ordem, isto é, superficial. Ele não foi o típico jovem revoltado por falta de afeto familiar, nem percorreu o caminho das más amizades e vícios. O seu único protesto foi ser diferente, sendo cristão com o verdadeiro significado desse nome. Ele soube encontrar o equilíbrio entre a dimensão espiritual, o compromisso com os mais pobres e o engajamento político para a construção de um mundo mais justo e humano.

Por ocasião da sua beatificação, que ocorreu em 20 de maio de 1990, o jornal inglês *Times* dedicou-lhe

um artigo na primeira página. Por que tanto interesse por esse jovem rico, bonito, inteligente, de vida aparentemente normal? Ele fundou instituições, escolas, ou realizou qualquer outra grande obra? O Papa João Paulo II o descreveu com as seguintes palavras: “A resposta que Pier Giorgio soube dar a Jesus Cristo foi a de um jovem moderno, aberto aos problemas da cultura, do esporte — era um tremendo alpinista —, às questões sociais, aos valores da vida e, ao mesmo tempo, a resposta de um homem profundamente cristão, alimentado pela mensagem evangélica, de caráter coerente, apaixonado em servir os irmãos e movido por um ardor de caridade que o levava a aproximar-se, segundo uma ordem de precedência absoluta, dos pobres e dos doentes. Também eu, na minha juventude, senti a influência do exemplo de Pier Giorgio e, como estudante, fiquei impressionado com a força do seu testemunho cristão”¹.

Vida, família, educação e prática do esporte

Pier Giorgio Frassati nasceu em Turim, a 6 de abril de 1901 (Sábado Santo), em uma família rica. O pai, Alfredo Frassati, fundou o importante jornal *La Stampa* e foi o mais jovem senador do Reino da Itália e embaixador em Berlim, Alemanha. A mãe, Adelaide Ametis, era pintora, quase como uma fuga para as suas desilusões matrimoniais, e tinha como principal ocupação cuidar para que tudo funcionasse na casa. O ambiente familiar não foi

1. João Paulo II, Encontro com os jovens de Turim, 13 de abril de 1980.

dos mais fáceis, conforme o próprio testemunho de sua irmã mais jovem, Luciana, “desde cedo aprendemos o hábito da disciplina e obediência, e a aceitação de contínuos sacrifícios. O diálogo com os mais velhos era inexistente e proibido. Não era permitido, passeando pela cidade, parar diante das lojas e vitrines, para não ceder a pequenas curiosidades. Tínhamos que caminhar depressa...”. E ela completa: “A casa imponente em que vivíamos parecia um quartel”.

Quanto à vida espiritual, nada levava a crer na possibilidade de se tornar um jovem fervoroso e voltado para a busca do bem dos mais necessitados. O pai não se interessava pelas questões religiosas. A mãe tinha um tipo de religião baseado nas observâncias exteriores, sem nenhuma experiência viva do amor de Deus.

Mesmo com pais tão severos e distantes afetivamente, Pier Giorgio os admirava. Tinha orgulho da inteligência do pai, como também da sua retidão moral. Para ele, a sua mãe era “bela como um raio de estrela”. Também, desde a sua infância, não tomava nenhuma decisão sem a sua aprovação e permissão.

Uma das paixões de Frassati eram os esportes e, de modo especial, o alpinismo. Em uma carta de 1923 a Marco Beltrano, um dos seus melhores amigos, escreveu: “Eu deixei meu coração nas montanhas com a esperança de reencontrá-lo nesse verão, escalando o Monte Branco. Cada dia me enamoro mais e mais pelas montanhas... E se meus estudos me permitissem eu passaria dias inteiros sobre os montes para contemplar naquele ar puro a Grandeza do Senhor”.

Ele aproveitava essas ocasiões para conquistar os colegas para a prática religiosa. Não fazia como um mero proselitismo religioso, mas com a convicção de que o único meio para ser feliz é através da comunhão com Deus. Era capaz de despertar este sentimento em relação a Deus por meio da amizade sincera. Os amigos viam em seus gestos a manifestação do Evangelho. Para Pier Giorgio, a fé não era uma teoria bonita, e sim a fonte de onde jorra a força para ser a presença do Cristo no mundo. Uma jovem do seu círculo de amizades, Clementina Luotto, escreveu: “Era a sua bondade que nos mantinha unidos”². De onde brotava essa bondade? Da sua intimidade com Jesus. Em outra carta dirigida a Marco Beltrano, Pier Giorgio confidenciou: “Creio que o único desejo que um verdadeiro amigo pode fazer para um amigo querido é: a paz do Senhor esteja sempre contigo. Pois, se você possui a paz todos os dias, será verdadeiramente rico”. Em um discurso à Juventude Católica de Pollone, em 1923, não teve dúvidas ao afirmar: “A verdadeira felicidade, ó jovens, não consiste nos prazeres do mundo e nas coisas terrenas, mas na paz de consciência que só se tem se somos puros de coração e de mente”.

Na homilia do Jubileu Internacional dos Esportistas (1984), João Paulo II disse: “... em um ambiente onde se considera o cristianismo ‘superado’ surge um cristão que respira a alegria de viver, que não tem nada de sectário, um cristão que vive seu cristianismo com uma espontaneidade que quase dá medo: poderia se dizer que Pier Giorgio não teve seus problemas.

2. Paul Poupard, *Santi d'oggi*, Roma, Città Nuova, 2003, p. 122.

De fato, ele os suprimiu com a graça de sua fé, quem sabe a que preço e com quais sofrimentos. Enfim, um homem dado à oração, um homem que come todos os dias o pão da morte e da vida, um homem que se consome por amor aos seus irmãos”.

O amor a Deus, testemunhado no amor ao próximo

A vida espiritual e a prática da caridade cresceram rápido em sua vida. Aos onze anos, já começou a demonstrar seu amor para com os mais pobres. O pai manda embora um homem que pedia esmola, por ter percebido que estava embriagado. Luciana, sua irmã, conta que, diante dessa cena, Pier Giorgio correu para a mãe em lágrimas: “Mamãe, aí fora estava um pobre com fome e o papai não lhe deu comida”. E completa as suas palavras de dor cheias de amor, perguntando: “E se Jesus o tivesse mandado?”³. Mais tarde ele dirá: “Ao redor dos pobres e dos enfermos eu vejo uma luz particular que nós não temos”. Podia ter sido um jovem com as preocupações normais de sua idade: estudo, diversão, namoro..., mas preferiu ser o amigo de Jesus presente nos mais pobres.

Aos doze anos, começa a participar da missa diariamente. Luciana conta que Pier Giorgio dormia rezando e acordava mais cedo para rezar. Na homilia do dia da beatificação, João Paulo II disse: “O segredo de seu zelo apostólico e da sua santidade o encontramos no seu itinerário ascético e espiritual; na oração, na perseverante adoração, também

3. Maria Di Lorenzo, *Pier Giorgio Frassati*, São Paulo, Paulinas, p. 27.

noturna, do Santíssimo Sacramento, na sua sede da Palavra de Deus...”⁴.

No tempo de Pier Giorgio existiam valores e limitações para a prática cristã e o engajamento na Igreja, como em todos os tempos. Ele dá o testemunho da vivência sincera dos seus compromissos batismais, por meio da participação nas mais diferentes associações. Aos dezessete anos de idade, ingressou na Sociedade de São Vicente de Paulo e dedicou a maior parte de seu tempo livre ao serviço dos doentes e dos necessitados, cuidando dos órfãos e dos soldados da primeira guerra mundial que voltavam para casa. Em 1919, associou-se à Federação de Estudantes Católicos e à Ação Católica. Também se filiou ao Partido Político Popular, que tentava promover os ensinamentos da doutrina social da Igreja, segundo os princípios da *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII. Também concebeu a ideia de unir a Federação de Estudantes Católicos à Organização Católica de Trabalhadores. “A caridade não basta: necessitamos uma reforma social”, costumava dizer a todos. Para Frassati, a caridade não era um simples gesto de dar alguma coisa, mas estar junto de quem sofre, doando-se totalmente. Estava acostumado a sacrificar suas férias na casa de verão dos Frassati, justificando a sua atitude do seguinte modo: “Se todos se forem de Turim, quem se encarregará dos pobres?”. Até a sua escolha de estudar engenharia de minas na Real Universidade Politécnica de Turim teve como motivação “servir melhor a Cristo en-

4. João Paulo II, Beatificação de Pier Giorgio Frassati, 20 de maio de 1990.

tre os mineiros”, como disse a um amigo. Quando questionado se era um beato, com naturalidade respondeu: “Não, somente sou cristão”.

Ele podia ser visto arrastando pelas ruas de Turim carroças e carrinhos de mão carregados com objetos e alimentos para os necessitados. Também reservava tempo para visitar os doentes em um grande hospital de Turim, construído por São José Cottolengo para receber os enfermos desenganados ou abandonados, e os asilos de idosos. A todos levava o seu sorriso, uma palavra amiga e a disposição para realizar qualquer serviço. O seu dia era gasto fazendo o bem. Quando um amigo demonstrou medo de entrar na casa dos pobres e doentes, Pier Giorgio com serenidade e convicção respondeu: “Visitar os pobres é visitar Jesus”.

Marco Beltramo ajuda-nos a entender como era marcante também a devoção Mariana na vida desse jovem santo: “Se vocês me perguntassem qual era o meio seguro sobre o qual ele se apoiava para realizar uma assim constante obra-prima de vida intimamente unida a Deus, eu não hesito em lhes responder que o segredo da perfeição espiritual de Pier Giorgio deve ser buscado, de modo especial, na sua assídua, sincera, profunda e terníssima devoção à Virgem Maria. Nós todos, que vivemos alguns anos próximos a Pier Giorgio, não podemos separar sua lembrança da lembrança de seu amor filial à Maria”. Padre Rizzi, um dos responsáveis pelo Santuário da Virgem de Oropa, escreveu: “Quando subia ao Santuário parecia transformado pelo amor à Virgem. Sua devoção à Virgem de Oropa era muito terna, filial. Nada lhe impedia de subir até aqui. Um

dia, encontrei-o sobre a escadaria do Santuário, todo coberto de neve, enlameado, quase irreconhecível. Disse-lhe: ‘Pier Giorgio, você veio com este mau tempo, por estes caminhos?’. E ele me respondeu sorrindo, como uma criança”. Ele fazia essa caminhada sempre recitando o terço.

João Paulo II, no *Angelus* de 20 de maio de 1990, dia de sua solene beatificação, lançou um desafio:

“Caros jovens, convido-os a imitar o exemplo do novo Beato. Saibam, também vocês, se recolherem muitas vezes na oração e na meditação ao lado da Mãe do Redentor, para fortalecer a fé e para inspirar, no modelo de vida de Maria Santíssima, o seu serviço a Cristo e à Igreja. Assim, vocês saberão se empenhar com entusiasmo e alegria na nova evangelização, para encontrar as soluções que respondem às exigências da vida espiritual e civil deste nosso tempo”.

Outra característica da santidade de Pier Giorgio era a alegria. Nas fotografias, assim como no dia a dia, estava sempre sorrindo, mesmo não sendo compreendido em sua família e até diante de uma desilusão amorosa. Em uma de suas excursões pelas montanhas, conheceu uma moça de condição humilde, com quem criou uma profunda amizade. Ele se apaixonou por essa jovem. Nunca se declarou a ela, pois sabia que os seus familiares seriam contra e também porque estavam passando por uma crise conjugal. Ele teria todos os motivos para se entristecer, porém escreveu: “Você me pergunta se estou alegre. E como poderia não estar? Enquan-

to a fé me der forças, eu estarei sempre alegre! O católico tem que ser alegre: a tristeza deve ser erradicada da alma do católico! A dor é diferente da tristeza, que é a mais detestável de todas as doenças. Esta doença é quase sempre produto do ateísmo; porém, a finalidade para a qual nós fomos criados nos mostra o caminho que, mesmo com muitos espinhos, não é de nenhum modo triste. É um caminho alegre, mesmo através da dor”⁵.

Pier Giorgio adoeceu de poliomielite, enfermidade que, segundo os médicos, se deu por contágio com os doentes que atendia. Descuidando da sua própria saúde, como resultado da morte de sua avó, faleceu depois de seis dias de terríveis sofrimentos, em 4 de julho de 1925, aos vinte e quatro anos de idade. Sua última preocupação foram os pobres. À véspera de sua morte, com uma mão paralisada, escreveu um recado para um amigo, recomendando as injeções de um pobre que atendia.

Seu funeral foi impressionante: as ruas da cidade se encheram de gente que sua família não conhecia e que chorava sem consolo: eram os pobres e os necessitados que ele tinha atendido durante anos. Muitos deles ficaram surpreendidos ao descobrir que o jovem que conheciam pertencia a uma família tão rica.

5. Carta de Pier Giorgio à sua irmã Luciana, 14 de fevereiro de 1925.

*Trechos de escritos de Pier Giorgio Frassati*⁶

15 de janeiro de 1925

“... De tempos em tempos, me pergunto: continuarei buscando seguir o bom caminho? Terei a ventura de perseverar até o fim? Em meio a este tremendo embate diante das dúvidas, a fé que me foi dada no Batismo me aconselha com voz segura: ‘Por si mesmo, você não fará nada, mas se tiver a Deus como centro de todas as suas ações, então, sim: você chegará ao fim’. É justamente isso que gostaria de poder fazer e tomar como lema o dito de Santo Agostinho: ‘Ó Senhor, inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em tí’...”
(p. 192).

29 de janeiro de 1925

“... Terei a força para chegar? Sem dúvida, a fé é a única âncora de salvação e é preciso agarrar-se fortemente a ela. Que seria de toda a nossa vida sem ela? Nada, ou melhor: seria consumida inutilmente, pois, no mundo, só há dor e a dor sem a fé é insuportável, enquanto que a dor alimentada pela pequena chama da fé se torna algo de belo porque robustece a alma para a luta...” (p. 194).

27 de fevereiro de 1925

“... Pobres infelizes aqueles que não têm fé! Viver sem uma fé, sem um patrimônio a ser defendido, sem sustentar, numa luta contínua,

6. *Lettere di Pier Giorgio Frassati* [Cartas de Pier Giorgio Frassati], Queriniana, 1950.

a verdade, não é viver, mas é ir vivendo. Nós nunca devemos ir vivendo, porque, também através de qualquer desilusão, devemos nos lembrar de que somos os únicos que possuímos a verdade; temos uma fé a sustentar, uma esperança a atingir: a nossa Pátria. E, por isso, expulso qualquer tristeza, que só pode existir quando se perde a fé...” (p. 196).

Bibliografia

- BARBIER, Jean. *Convertidos por Maria*. Cucujães, Editorial Missões, 1999.
- BORGHESE, Alessandra. *Com olhos novos*. Portugal, Diel Tenacitas, 2006.
- ELLSBERG, Robert. *Todos los santos*. Buenos Aires, Lúmen, 2001.
- FESCH, Jacques. *Dentro de cinco horas veré a Jesús: diário de prision*. Madrid, Palavra, 2006.
- FRANCAVILLA, Ruggiero. *Jacques Fesch*. Milano, Pauline, 2006.
- FROSSARD, André. *Deus existe - eu o encontrei*. Rio de Janeiro, Record, 1969.
- GUINNESS, Alec. *Memorias*. Madrid, Espasa-Calpe, 1987.
- HART, Russell. *Em comunión con los santos*. Buenos Aires, Neo Person, 2002.
- LELOTTE, F, SJ. *Convertidos do século XX*. Rio de Janeiro, Agir, 1966.
- LJUBICIC, Pe. Petar. *Esempi di vita cristiana*. Roma, Edizioni OCD, 2003.
- MERTON, Thomas. *A montanha dos sete patamares*. Petrópolis, Vozes, 2005.
- POUPARD, Paul. *Santi d'oggi*. Roma, Città Nuova, 2003.
- SANTO AGOSTINHO. *As Confissões*. São Paulo, Quadrante, 1985.
- VELASCO, Juan Martín. *Modelos de vivência da fé*. Braga, Editorial Franciscana, 2002.

QUERIDO LEITOR: Se este livro foi importante para sua caminhada cristã, escreva-nos dando o seu testemunho. Peça também o nosso catálogo. Escreva para:

Pe. ALBERTO

Caixa Postal 32

06850-970 — Itapecerica da Serra, SP

ou faça o pedido de outros livros pelo telefone:

(11) 4667-4353

(de segunda-feira a sexta-feira, das 8 às 17h30).

ou pela internet: www.encontrocomcristo.org.br



**Assista ao programa ENCONTRO COM CRISTO
apresentado por Pe. Alberto Gambarini:**

REDE VIDA

De segunda-feira a sexta-feira, às 6h30 e às 17h30

Domingo, às 17 horas

TV GAZETA de São Paulo – CANAL 11

(e também por parabólica para todo o Brasil)

Domingo, às 8 horas

Um programa da sua

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

1Cor 9,16

**“AI DE MIM SE EU NÃO
ANUNCIAR O EVANGELHO.”**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico, ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

© **Ágape**

Caixa Postal 32

06850-970 – Itapeceira da Serra, SP

T 11 4667 4353

Home page: www.encontrocomcristo.org.br

Composição e Impressão

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822 nº 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 11 3385 8500

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br